

Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares

Aluna: Fernanda Nistal Benedeti

Programa: Institucional FEUSP

Orientadora: Prof^a Dr^a Marília Pinto de Carvalho

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo colaborar com o projeto principal "*Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares*", com o qual está articulada, objetivando ampliar a compreensão sobre em que medida as práticas de socialização ajudam a compreender as trajetórias escolares melhor sucedidas pelas meninas. Os principais problemas propostos pelo projeto de pesquisa principal são: O que justifica, no âmbito das famílias, o melhor desempenho na trajetória escolar das meninas? Há diferenças nas práticas de socialização de filhos e filhas no que se refere à escolarização? As expectativas do grau de escolarização a ser atingido se distinguem para meninos e meninas? Quais são as metas de futuro almeçadas para os filhos e filhas?

Palavras-chave: desempenho escolar; relações de gênero; socialização familiar.

INTRODUÇÃO

Este projeto de Iniciação Científica está articulado ao projeto principal “Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares”, coordenado pela Profa. Dra. Marília Pinto de Carvalho. Nas suas investigações ela constatou que as professoras, com certa frequência, atribuem os comportamentos indisciplinados dos meninos e a disciplina e a organização das meninas à socialização familiar. Na ótica dessas professoras essas condutas dos alunos seriam as razões do sucesso ou fracasso na escola.

Alguns autores abordam a temática da influência da socialização familiar na escolarização a partir das diferenças econômicas (PAIXÃO, 2007; NOGUEIRA, ROMANELLI, ZAGO, 2000) e outras, como lugar na fátia (BALARINI, ROMANELLI, 2012; SAMPAIO, 2007). No entanto, podemos dizer que estes estudos deixam de explorar as diferenças entre os sexos quando estes vivem em condições semelhantes. Afinal, ainda que participemos de uma mesma sociedade, ser homem, ser mulher está mediado por outros elementos culturais.

Também encontramos pesquisas sobre a diferença na socialização de meninos e meninas das camadas populares urbanas no Brasil: a eles, o papel de provedores, devendo contribuir com a renda familiar e destinando a elas, desde muito cedo, a responsabilidade por tarefas domésticas e pelo cuidado de parentes menores (COELHO, 1999; DAUSTER, 1992; DUQUE-ARRAZOLA, 1997; HEILBORN, 1997; MADEIRA, 1997). Ao longo de nossas análises procuraremos dialogar com essa produção.

Partimos do pressuposto que as instituições (Família e Escola) e os próprios sujeitos presentes em nossa pesquisa são produtos sócio-histórico-culturais, os quais se produzem a partir de uma teia de complexos processos socioculturais. Seguindo esta lógica, podemos dizer que através das semelhanças de um universo conceptual e linguístico, os indivíduos se sentem membros de determinada cultura. Esse sentir-se pertencente a um grupo

advém dos conceitos e das ideias simbolizados em diferentes linguagens. É por meio da capacidade de expressão e de comunicação dessas linguagens que somos autorizados a conviver em determinada cultura.

Assim, ao analisarmos os dados recorrentes da nossa pesquisa, consideramos as influências de vários fatores tais como: as condições socioeconômicas, a região de moradia, entre outras. No entanto, nossa pesquisa busca dar conta do papel das expectativas e práticas de socialização familiares sobre a diferença de desempenho escolar entre meninos e meninas, isto é, procura cobrir uma lacuna referente às relações de gênero, verificada na literatura sobre o tema do desempenho escolar.

As falas das professoras tendem a reproduzir os padrões descritos por Zaidman (1996), classificando as meninas como organizadas, carinhosas e disciplinadas e os meninos como indisciplinados, agitados e mesmo agressivos. Uma das questões que permanece em aberto é o fato das professoras atribuírem essas diferenças de comportamento à socialização familiar. Nossa pesquisa, então, buscou semelhanças e diferenças em famílias, não necessariamente iguais em aspectos econômicos e sociais, mas que nos ajudassem a entender esta diferença marcante.

Podemos perceber que,

No caso brasileiro – e de outros países -, a questão se torna mais complexa quando lembramos que mulheres (brancas e não brancas; crianças, jovens e adultas) [...] veem obtendo, em média, melhores resultados escolares que os meninos, crianças, jovens e adultos brancos e não brancos. E tais resultados foram atingidos via políticas educacionais universalistas que, juntamente com o empenho das mulheres, conseguiram reverter o “hiato de gênero” na educação brasileira (ROSEMBERG, MADSEN, 2011).

Esta situação pode ser observada nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (Censo e Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD), onde consta que a taxa de escolarização das crianças entre 7 a 14 anos, na década de 1940, era de 30,6% e, em 2009, chegou a 98% (ROSEMBERG, MADSEN, 2011). Podemos dizer que o acesso à escola nesta faixa etária parece estar resolvido. Contudo, cabe ressaltar que este processo de democratização do acesso teve repercussões muito mais intensas

para o sexo feminino. Se analisarmos os dados encontrados por Carvalho, (2003), em relação à média dos anos de estudo, na década de 1960, os homens tinham menos de três anos de escolaridade e as mulheres menos de dois anos. Ao longo dos últimos 50 anos, assistimos a uma ampliação muito grande do acesso à escola, com as médias nacionais hoje em torno de oito anos de escolaridade, mas, ao mesmo tempo, ocorreu uma inversão entre os grupos por sexo, indicando que as mulheres foram as maiores beneficiadas: em 2009 (PNAD), para a população de 15 anos e mais, a média dos anos de estudo era 7,7 para as mulheres e 7,4 para os homens. Embora a diferença seja aparentemente pequena, a ela se somam dados que indicam que quase 60% dos concluintes do Ensino Médio eram moças e que elas apresentavam, ao longo de todo o processo de escolarização, taxas menores de distorção série-idade (ROSEMBERG, MADSEN, 2011).

Ressaltamos que o desempenho escolar pode ser influenciado por vários fatores tais como: as condições socioeconômicas, a região de moradia, o pertencimento racial, entre outros. No entanto, nosso objetivo nesta pesquisa é aprofundar a compreensão das influências das práticas e da socialização familiar sobre as diferenças entre os sexos observadas neste desempenho.

1. OBJETIVOS PROPOSTOS

A articulação deste projeto de iniciação científica ao projeto principal procurou responder a seguinte questão: Há diferenças nas formas de ocupação do tempo extraescolar e nas estratégias de apoio à escolarização para os meninos e meninas? Para tanto, adotamos as ações descritas abaixo.

- Analisar os resultados obtidos nas entrevistas referentes às práticas e expectativas dos adultos sobre a trajetória dos seus filhos conforme o sexo;
- Analisar a correspondência entre as opiniões dos jovens, das crianças e de seus responsáveis;
- Pesquisar qual a relação da socialização familiar com o desempenho

escolar já verificado até o momento, por meio do levantamento de dados junto às escolas.

Apresentamos também os principais problemas propostos pelo projeto principal de pesquisa.

- O que justifica o melhor desempenho na trajetória escolar das meninas, no âmbito das famílias?
- Há diferenças nas práticas de socialização de filhos e filhas no que se refere à escolarização?
- As expectativas do grau de escolarização a ser atingido distinguem-se para meninos e meninas?
- Quais são as metas de futuro almeçadas para os filhos e filhas?

Vale ressaltar que, com o desenvolvimento do projeto principal, ampliamos nossa compreensão acerca do melhor desempenho escolar das meninas. Este projeto de iniciação científica buscou complementar o projeto principal, a fim de alcançar os objetivos específicos determinados, a seguir:

- Colaborar na elaboração, aplicação e tabulação de questionário prévio para localização das famílias que atendam aos critérios pré-estabelecidos, tais como renda mensal até quatro salários mínimos e que tivessem pelo menos um filho e uma filha regularmente matriculados no ensino fundamental numa escola pública;
- Participar na realização de contatos e entrevistas com estudantes e seus responsáveis, assim como analisá-las e posteriormente cooperar no desenvolvimento da pesquisa do projeto principal.

A equipe de pesquisadores é composta pela coordenadora Marília Pinto de Carvalho e mais três pesquisadores. Eu que participo como pesquisadora de iniciação científica, Tatiana Avila Loges, como pesquisadora voluntária e Adriano Senkevics, aluno de mestrado que também desenvolve sua pesquisa paralelamente.

2. CAMINHO METODOLÓGICO

Na região metropolitana de São Paulo localizamos duas escolas públicas e nelas foram selecionadas e contatadas oito famílias, as quais atendiam aos critérios da pesquisa, mencionados anteriormente. Nossa amostra foi fruto de dois momentos. O primeiro, de exploração, no qual fizemos contatos com as escolas (em diferentes momentos) e testamos o problema em questão, acompanhados de leituras que dão embasamento teórico para este estudo. O segundo momento foi o levantamento sistemático dos dados sobre a problemática pesquisada. É importante pontuar que o caminho metodológico visou construir uma narrativa com os interlocutores, sempre atenta aos contextos de sua produção, de forma a compreender os sentidos atribuídos pelas famílias (mais frequentemente as mães, mas também pais, irmãos e irmãs) à socialização de filhos e filhas. Para perceber se há diferenças nas formas de ocupação do tempo extraescolar e nas estratégias de apoio à escolarização para os meninos e meninas, adotamos três técnicas: investigação teórica, observações e entrevistas.

2.1 Investigação

Nesta fase, estabelecemos as leituras pertinentes à problemática, procuramos textos que abordassem o tema, pois era preciso conhecer as especificidades da problemática. Logo, entramos em contato com uma escola e demos início à coleta de informações. Saliento que a técnica de coleta de informações foi o primeiro passo de nossa pesquisa, a fim de conhecer as singularidades da problemática proposta. Buscamos informações sobre a temática em nossas leituras e nos documentos escolares nas instituições pesquisadas.

2.2 Observação

Essa técnica se difere das outras por não ter um instrumento específico que direcione a observação. Contudo, foi preciso leituras que explicassem todo o processo dessa técnica de coleta. Saliemos a contribuição de Hanguette (2003): segundo a autora, o pesquisador tem que estar atento ao que é relevante de ser observado. A observação propicia a aproximação do pesquisador e entrevistado, o que é fundamental para o desenvolvimento das entrevistas.

2.3 Entrevistas semi-estruturadas

Esta é uma maneira de interação social entre pesquisadores e entrevistados que possibilita a obtenção de dados em profundidade. Para a realização desse tipo de entrevista, a qual nos permite maior flexibilidade no desenvolvimento da conversa e nos leva a observar os sentimentos, explicações e reações sobre o tema abordado. Concordamos com Brito (2004) quanto à elaboração de um roteiro prévio. Nosso roteiro baseia-se em perguntas que nos permitiram identificar o grau de escolaridade dos pais; quais as suas expectativas escolares e profissionais em relação aos filhos; se havia acompanhamento das atividades escolares; qual era a composição da renda familiar, como era a divisão das atividades domésticas; quais eram as brincadeiras de cada filho; praticavam atividades no contra turno da escola, o que faziam nos finais de semana e se existia diferenças ao criar filhos de sexos diferentes.

A partir dessas entrevistas podemos dizer que esta técnica exigiu do entrevistador habilidade para conduzir a conversa e também certa sensibilidade na dinâmica das falas para que ela não se desviasse do nosso objetivo. Porém era preciso que os responsáveis, as crianças e os jovens envolvidos estivessem cientes do trabalho que faríamos e nas reuniões expusemos os objetivos da nossa pesquisa. Além disso, foi preciso a assinatura dos

responsáveis no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 1) para que déssemos início à realização da pesquisa em campo.

Em agosto de 2011 trabalhamos com o texto *A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa* (ZAGO, 2003). A partir dessa leitura, pudemos compreender melhor como elaborar um roteiro de modo que a entrevista fosse semi-estruturada. A autora faz importantes observações de como agir durante as entrevistas, ressalta a importância de se evitar muitos questionamentos, pois a adoção dessa postura permite a colocação das ideias do entrevistado e proporciona uma maior liberdade a ele. A partir desse texto elaboramos um roteiro de entrevista (Anexo 2).

O próximo passo foi localizar as famílias. Também elaboramos um questionário de identificação, a ser preenchido pelos responsáveis (Anexo 3) para obtermos mais informações e para melhor organização dos dados.

3 DEMOSTRATIVO DA APLICABILIDADE DA METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. A primeira em uma escola municipal de ensino fundamental e a segunda na Escola de Aplicação da Universidade de São Paulo. Nesse demonstrativo de aplicabilidade da metodologia analisamos alguns dados encontrados nas duas escolas e em cinco das oito famílias.

3.1 Etapa 1 - A primeira escola

Fizemos a pesquisa tomando uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, no Rio Pequeno, na zona oeste de São Paulo, como ponto de partida em razão da presença de Daniela¹, ex-aluna do curso de Pedagogia. A

¹ Cabe ressaltar que todos os nomes são fictícios.

estudante, em 2011, estava cursando Letras e era professora do 4º ano nesta escola. Ela mostrou grande boa vontade tanto em nos intermediar junto às famílias quanto junto à escola.

Inicialmente, na escola, marcamos uma conversa com a orientadora pedagógica Amanda, que estava nos últimos meses de gravidez. A coordenadora Anita estava de férias, mas retornaria no mês seguinte. Na conversa com Amanda, levamos um documento para a escola, que ela repassou à diretora a qual autorizou-nos a realizar a pesquisa, passando questionários aos pais. Quando pedimos para estar presentes no dia de reunião com os pais, Daniela, mais uma vez, fez toda a mediação e fomos autorizados. Nessas conversas o professor Davi, de outra turma de 4º ano, foi citado como possível parceiro. O professor aceitou passar os questionários e foi bem receptivo conosco no dia da reunião de pais.

Então, como já conhecíamos Daniela, ela se encarregou de distribuir o questionário aos alunos. Não tivemos muito retorno, pois cada turma contava com 30 alunos e apenas 16 famílias devolveram o formulário preenchido. Ainda assim, foi possível, rapidamente, entrar em contato com a primeira família.

Nesta escola, localizamos e obtivemos aceite em participar da pesquisa por parte de três famílias. Conseguimos entrevistar duas delas em suas casas e uma, na escola. Eu pude participar diretamente em duas das entrevistas: com a mãe de Luísa, realizada na escola, e com a família de Silvana. As alunas em questão estudam na sala do professor Davi. Elisa e Diogo (irmão de Silvana), outros alunos que participam da pesquisa, são alunos da professora Daniela.

3.1.1 Caracterização da primeira escola pesquisada

A escola tem uma estrutura bem parecida com tantas outras do município de São Paulo: prédio relativamente antigo e sólido, mas mal conservado, com muitas grades, portão e porta de metal. A escola é composta por: uma grande cozinha com mesas para refeição, uma sala de professores e secretaria, uma sala da coordenação, uma biblioteca, um grande pátio com um

parquinho. As salas são todas iguais: lousa branca para escrita com caneta, paredes com pintura bege envelhecida, nela há o alfabeto e os algarismos coloridos no alto da parede da frente. Também foi possível notar que as carteiras estavam velhas, quebradas e mal conservadas. Apesar de ser um espaço de crianças, não vimos nenhum mural, desenhos, cartazes, fotos ou qualquer produção que elas tenham feito. Tampouco constatamos esses objetos nos corredores. No lado externo das salas, as portas, grades e alguns acabamentos eram da cor verde.

Podemos dizer que a escola como local de entrevista tem vantagens sobre o espaço familiar: nem todas as famílias desejam nos receber; é mais espaçoso, o que permitiu que eu conversasse em separado com Luísa (aluna de Davi), obtendo informações importantes, enquanto sua mãe era entrevistada por Marília; tinha privacidade e Angela, sua mãe, estava relativamente à vontade. Por outro lado, apenas pudemos imaginar a residência desta família, mesmo sabendo que a casa de Angela não devesse diferir muito da moradia de Wilson e Eliana, o primeiro casal entrevistado, a qual fica na mesma rua, poucos números adiante. Não observá-la por dentro e seus objetos, não conhecer o irmão e sua atitude, não ver a menina agindo (por exemplo, ajudando a mãe a fazer o café e segurando o irmão menor no colo) como pudemos fazer com Elisa, diminui muito nossa percepção das relações familiares, nos dá menos informações.

3.2 Etapa 2 – A segunda escola

No primeiro semestre de 2012, nossas pesquisas seguiram com a intenção de encontrar novas famílias em outra escola. Optamos, então, pela Escola de Aplicação da Universidade São Paulo. O ingresso² nesta instituição de ensino acontece somente mediante sorteio público. As vagas para matrícula inicial no primeiro ano do Ensino Fundamental são distribuídas por sorteio entre

² Essa informação pode ser visualizada no site da escola, acessando o link abaixo.
<http://www.ea.fe.usp.br/paginas/Inscricoesesorteios/Inscricoes_sorteios.html>

as seguintes categorias, com as restrições especificadas: um terço das vagas para os inscritos que sejam filhos de servidores da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, docentes ou não; um terço das vagas para inscritos que sejam filhos de servidores de Institutos ou repartições da Universidade de São Paulo, docentes ou não; um terço das vagas para os demais inscritos. Há muito pouca evasão desta escola e na existência de vagas remanescentes nos anos seguintes, estas serão preenchidas entre os inscritos perante outro sorteio.

Após aprovação pela diretoria da escola, nossa entrada foi mediada por uma das professoras do 4º ano, pois ela havia sido aluna da professora Marília no curso de mestrado da Pós-Graduação da Faculdade de Educação. Ficou combinado que compareceríamos à primeira reunião coletiva de pais, que aconteceu no início de março. Por orientação da professora de classe, chegamos à Escola de Aplicação quase no final da reunião de pais para não atrapalhar o planejamento da escola. Na sala estavam os pais das duas turmas de 4º ano, pois a reunião era coletiva, com a presença de ambas as professoras. Entre os responsáveis havia pais, mães e até avós, todos bem participativos e interessados.

Na semana anterior, tínhamos entregado alguns questionários para que as professoras pudessem distribuir aos alunos. Ao entrarmos na sala, ela nos devolveu os questionários preenchidos. A professora Marília nos apresentou e contou brevemente sobre nossa pesquisa e o nosso interesse em conversar um pouco mais com as famílias. Algumas pessoas disseram que adorariam participar da pesquisa, mas não atendiam ao perfil desejado porque tinham somente um filho ou filhos do mesmo sexo. Mas de qualquer maneira, foi muito gratificante ver a disponibilidade das famílias em participar. Uma das mães reconheceu a professora Marília, pois havia lido um dos seus artigos sobre relações de gênero.

3.2.1 Caracterização da segunda escola pesquisada

A escola é bem ampla, com um pátio espaçoso. Os corredores são extensos, assim como as salas de aula. No fundo da sala, em que estávamos - e onde aconteceu a reunião, havia um armário com diversos materiais como gibis, lápis de cor, livros e jogos. Nas paredes, pudemos verificar a presença de algumas listas, principalmente uma que continha o nome de todas as crianças da turma. Na escola podemos ver que as mesas e carteiras das salas de aula estavam em bom estado de conservação, assim como toda a escola.

Nesta escola localizamos cinco famílias, por meio dos questionários. Conseguimos entrevistar todas elas, em três fomos até suas casas e as outras entrevistamos em uma sala reservada antecipadamente na Faculdade de Educação da USP. Porém as nossas análises neste relatório não abrangem todas as famílias porque vimos a necessidade de detalhar mais nossas reflexões. Portanto, ainda temos as transcrições das entrevistas de três famílias para analisar e mais as observações das crianças em sala de aula, deverá ocorrer no segundo semestre de 2012. Vale ressaltar que essas análises iniciais serão revistas minuciosamente após terminarmos nossa coleta de dados.

3.3 As famílias

Todos os dados que aqui apresentamos foram obtidos através dos questionários e posteriormente das entrevistas. Nossa percepção voltou-se para as explicações, sentimentos e reações pessoais sobre a nossa temática. Para isso, buscamos interpretar, observar, ouvir e principalmente valorizar o que as famílias tinham a dizer. Embora tivéssemos pedido o consentimento de todos os participantes, temos consciência da importância do cuidado e respeito para com os sentimentos e fragilidades das famílias. Na primeira etapa da pesquisa estão as famílias 1, 2 e 3 e na segunda etapa, em outra escola, encontram-se as famílias 4 e 5.

- Família 1

A primeira entrevista foi marcada para o final de setembro. Neste dia, eu não pude comparecer, mas Adriano esteve juntamente com a professora Marília na casa de Wilson e Eliana, os pais de Elisa, aluna do 4º ano, para quem foi entregue o comunicado. Os dados abaixo foram retirados da transcrição feita por mim da entrevista e das anotações de campo, das pessoas da nossa equipe que fizeram a entrevista. A família morava numa rua que parece ser a rua central da comunidade e ela também dá acesso à outra comunidade da Zona Oeste. A casa era de dois andares: embaixo, depois de entrar pela lateral, tinha uma sala-cozinha com uma escada de madeira que levava ao segundo andar onde ficava a televisão. Não pudemos ver se havia dois quartos. Lá, moravam os pais e quatro crianças, Elisa (10 anos) era a mais velha, Alexandre (8 anos), Edson (6 anos) e Yuri (1 ano e 7 meses).

A casa era pequena e não estava acabada: não tinha porta, por exemplo, só um pequeno portão para a rua, mas era arejada e estava muito limpa. Na casa havia os seguintes eletrodomésticos: fogão, geladeira, freezer, micro-ondas, televisão, videogame e computador. Também havia armários de cozinha novos, mesa e cadeiras e água encanada, como a própria família contou. Wilson falou orgulhoso que “agora tem carro” - a chave estava sobre o balcão da cozinha. Num aparador havia mamão papaya e laranjas. Os dois filhos maiores vão diariamente para a Escola Municipal, que ficava próxima à residência, de perua municipal. Eles costumavam sair às 6h30min de casa, os filhos menores iam para o CEU³ com o pai, que trabalhava lá como piscineiro.

Os responsáveis pelas crianças eram jovens de 28 anos de idade cada. A jovem mãe engravidou de Elisa quando ambos tinham 17 anos e foram acolhidos pela família de Wilson. Eles moravam no terreno do pai de Wilson (viúvo há 5 meses), o qual era composto pelas suas casas e mais as de seus dois irmãos cada um com sua respectiva família. Um deles separou-se recentemente, a cunhada ficou na casa e ele foi morar com o pai, agora sozinho. O casal contou que nem sempre tiveram casa separada e que ela foi

³ A partir de consulta ao Google Maps fica claro que é o CEU Butantã, bastante próximo da casa em termos de distância, embora implique numa travessia da rodovia.

sendo construída. Eliana tem a pele e cabelos bem claros, e ele é negro. Ela disse que sofreram muito preconceito na família dela, que o chamavam de negro e macumbeiro. Ela nasceu na Paraíba, estudou até a 2ª série do Ensino Fundamental e veio com treze anos para São Paulo esperando continuar os estudos, mas só conseguiu trabalhar - ela trabalhava em casa de família, mas “a patroa não apoiava os estudos”. A comparação com a vida que levou na infância é constante desde o início de sua fala – “Lá, sim, falta de tudo” – “não tem um chinelo, come o que tem” - “Aqui tem arroz e feijão, tem criança que não quer, diz que não gosta. Lá era só tapioca e curau, comia o que tinha e ainda achava bom”. Eliana também se refere às pessoas que catam comida no lixo e que moram na rua, em contraste a “você que tem um teto, uma cama quentinha e um cobertor limpo e cheiroso pra dormir”. Ao mesmo tempo ela usava o termo favela para se referir ao local onde moram e mostrava não se sentir à vontade ali. Já Wilson nasceu e cresceu lá, conhece todo mundo, o lugar parece ser o universo dele. Ela aderiu à religião da família dele, a qual parece se referir mais à Umbanda do que ao Espiritismo, como inicialmente haviam dito, pois ela disse que estavam preparando a festa de Cosme e Damião.

Eliana contou que não queria gravar a entrevista porque “aqui [em São Paulo] tem regras, você não pode bater em criança, tem o Conselho Tutelar.” Ela admitiu bater nas crianças, justificando que é para educá-las, para evitar que elas “apanhem de verdade na rua”. Ela também falou do medo de que alguém a denuncie porque deixava as crianças sozinhas em casa, sob a responsabilidade de Elisa para ir trabalhar. Eliana trabalhava na limpeza do CEU até poucos meses, mas naquele momento não estava trabalhando fora. Alegou dois motivos: primeiro, que a filha cresceu, já é quase uma moça e ela precisa estar por perto por causa dos perigos (gravidez, principalmente, mas também drogas). Depois contaram que a sogra, que morava ali “do lado” – na mesma casa – faleceu, e ficaram com medo de deixar as crianças sozinhas.

Wilson cursou até o 2º ano do Ensino Médio, mas deixou os estudos quando Eliana engravidou, pois teve que trabalhar. Trabalhava de segunda a sábado – ele não disse, mas provavelmente ainda não era no CEU - se saía para estudar à noite, às vezes, não via a mulher. E como Elisa era pequenina,

ficou muito cansativo e Wilson parou de estudar. Podemos notar que ele carregava evidências de uma escolarização mais longa – falava articuladamente, com clareza, lia e escrevia com facilidade.

Talvez pelo fato do pai trabalhar no CEU fosse mais fácil o acesso das crianças e o incentivo de praticarem atividades extraescolares. Elisa fazia ginástica artística, porém já tinha praticado balé, os meninos jogavam futebol e, além destas atividades, todos faziam natação.

Quando Marília perguntou onde estava Alexandre, o irmão de 8 anos que estudava na mesma escola que Elisa, pois uma turminha estava jogando futebol num campinho de terra logo antes da casa, eles responderam que ele estava no andar de cima jogando vídeo game, o qual foi comprado com esta finalidade: de tirá-lo da rua. “Ele fica o tempo todo na frente do videogame”. Já o computador “é mais da Elisa”, ela é que é a craque, “mas com certos limites”, acrescenta rapidamente Eliana – parece que têm ORKUT, Wilson falou disso ao mencionar que não passaram o filme da apresentação de ginástica artística dela para o computador ainda – o que poderia significar que eles tivessem uma filmadora ou um celular com recurso para esta finalidade. O irmão menor, Yuri, estava no colo de Eliana quando chegaram e ele ficou quase o tempo todo sob a responsabilidade de Elisa. Às vezes, ia para o colo do pai, que permaneceu sentado, mas ficou pouco tempo. Foi Elisa que tomou a iniciativa de colocar uma fita de desenhos para ele se distrair vendo a televisão no andar superior. Edson apareceu duas vezes lá embaixo, sorridente, também levou Yuri no colo, e Alexandre o segurou uma única vez. Elisa foi quem nos “abriu” a porta e esteve presente, em geral sentada na escada quase todo o tempo. Ajudou a mãe a fazer café com desenvoltura.

Logo, chegou uma amiga do casal e ela foi convidada para partilhar o café, Wilson sugeriu que o gravador fosse desligado. Enquanto Eliana conversava com sua amiga, Marília aproveitou para conversar com Elisa. Uma menina bonita de cabelos alisados, ela vestia uma roupa de malha na cor rosa – a sua vestimenta era aparentemente mais nova que a roupa da mãe. Ela contou que gostava da professora e da escola. Em sua classe eram os meninos que bagunçavam, não faziam a lição, falavam palavrões na aula e a professora ficava nervosa. A regente da turma não deixava fazer atividades

fora da classe e na quadra porque os meninos faziam bagunça. Segundo a menina, ela e uma amiga gritam com os meninos para ajudar a professora. Questionada se é igual em casa – ela ajudava a mãe em casa e a professora na escola - ela afirmou que sim. Porém, Eliana mencionou que Elisa era a mais agitada entre os filhos e que ela “dá trabalho”.

Embora o discurso dos pais seja muito igualitário e “correto”, de que todos os quatro ajudavam, até o pequeno no que podia. A postura deles durante as quase duas horas de duração da entrevista e os relatos mostraram que Elisa é a principal responsável pelo serviço doméstico ao lado da mãe. Isto foi justificado pela mãe da menina, “por ser a mais velha, se fosse o Alexandre era ele”. De início, a família falou que todas as crianças ajudavam no serviço doméstico; posteriormente, mencionaram que Elisa ajudava mais e que Alexandre era preguiçoso, e mencionaram que a maior iniciativa de Elisa era decorrência da sua “criação”. Mesmo o pai, embora muito mais presente que o padrão – vai às reuniões de escola dos filhos, leva-os para atividades extracurriculares, também participava ativamente nos trabalhos como lavar banheiro (que ele descreveu como exemplo) e fez questão de participar da entrevista -, é o provedor e a mãe a dona-de-casa, principalmente por não estar trabalhando fora, no momento. Elisa descreveu o pai limpando a casa no dia anterior, quando a mãe estava no Centro [de Umbanda]: “ele limpou o banheiro, aí a casa estava de perna pro ar, começou a passar pano, colocou as cadeiras pra cima da mesa e saiu para conversar com os amigos. Aí entrava, passava um pano, voltava pra conversar”.

Elisa também contou que faz ginástica artística e que sua amiga de 14 anos, já repetiu a 4ª série quatro vezes, ainda não sabia ler, mas agora estava aprendendo. A professora explicou, ajudou, ela estava se esforçando, fazia as lições na classe. Marília perguntou se, além das duas, havia outras meninas que ajudavam a professora, mas Elisa disse que não, eram somente elas.

O casal não pareceu ter muita vida social na comunidade, tentava ser diferente, principalmente Eliana. Mencionaram, inclusive, que evitavam fazer programas na comunidade, assim como também não deixavam que seus filhos fizessem. Contaram que todos os finais de semana há bailes em que tocam funk, pagode, sertanejo ou forró, mas alegaram que, pelo fato de todos se

conhecerem, preferem evitar fofocas na vizinhança e não participam. As crianças também não circulavam pelo local, não podiam trazer amigos pra casa e tampouco ir à casa dos outros. Ao questionarmos os pais a respeito dos programas em família no final de semana, não obtivemos uma resposta clara. Wilson falou que saíam, sim, e pediu confirmação para a esposa, que não respondeu. A família mencionou uma viagem à praia, mas não falou qual, nas últimas semanas. Ficou a impressão de que a pergunta não foi respondida, e que eles preferiram não dar muitos detalhes, indicando que, na verdade, têm poucas atividades de lazer em família e passeios fora de casa.

É possível perceber a diferença dos discursos dos pais para Elisa e para os meninos: ela precisa ter cuidado para não engravidar; e eles, se “fizerem filho vão perder a chance de ficar hora com uma hora com outra, [terem uma vida sexual ativa] e experimentar, ficando logo presos em uma só”. Percebemos ainda diferenças nos discursos corretos dos pais - mas não é de se desprezar que eles valorizassem esses discursos como corretos - e as práticas ou falas sobre casos concretos. Na fala, cada filho é individualmente diferente do outro, não meninos X meninas; todos são tratados igualmente, não há regras diferenciadas, nem tarefas domésticas mais pra um/a que pra outro; também os professores foram elogiados, principalmente por Eliana, que culpa cada criança, individualmente, se não aprende.

Chamou a nossa atenção o quanto eles conhecem do universo escolar, provavelmente por terem longa inserção no CEU: avaliação de que a EMEF do CEU é pior que a Escola em que Elisa e Alexandre estudavam, conheciam as oportunidades de atividades extraescolares no CEU; tinham conhecimento sobre a legislação que proíbe bater em crianças e deixá-las em casa sozinhas; falaram que querem que os filhos “terminem o ensino médio” e “se for o caso fazer uma faculdade”, considerando a necessidade de “guardar dinheiro para isso”.

- Família 2

Na última semana de setembro, aconteceu a Reunião de Pais na

Escola, onde pudemos estar presentes, com autorização da diretora da escola. Num primeiro momento, permanecemos na sala de Daniela, professora da Elisa, mas seus pais não compareceram. Fomos apresentados aos responsáveis dos alunos que estavam na sala, contamos que estávamos fazendo uma pesquisa, e quem tivesse interesse poderia preencher alguns dados. Então os interessados preencheram o questionário na sala da professora Daniela. Na sequência, eu e Adriano fomos a outra sala do 4º ano, do professor Davi, que disse que não teria problema algum em nos ajudar. Apresentamo-nos e contamos um pouco da nossa pesquisa. Alguns questionários foram preenchidos também, entretanto, quase todo o grupo presente não atendia ao perfil escolhido para nossa amostra, pois os casais eram pais apenas de meninos ou de meninas. Na realidade, dentro deste grupo, encontramos apenas uma família que se propôs a conversar imediatamente, na própria escola.

Angela, mãe da Luísa, 10 anos, e do Augusto, 17, parecia não querer que fossemos a casa dela, disse que poderíamos conversar ali na escola mesmo. Dirigimo-nos à biblioteca, que no momento, não estava sendo utilizada. Infelizmente, neste dia o gravador não funcionou e contamos apenas com nossas anotações feitas em nossos diários de campo. A vantagem de conversarmos ali na escola foi que, enquanto Marília conversava com Angela, eu tive a oportunidade de conversar mais com a Luísa.

A biblioteca onde entrevistamos mãe e filha é uma sala espaçosa, porém sem portas. No seu interior havia estantes com livros e tinham vários espalhados sobre uma grande mesa de reuniões ao centro da sala, que não estavam colocados de uma maneira organizada. No canto dessa mesa, desocupada, nós quatro nos sentamos. Luísa circulou por vezes inquieta, olhando pela grade da janela o parquinho onde estava uma de suas amigas, enquanto conversava comigo. Este espaço não parecia ser usado como biblioteca pelos alunos ou professores, pois não dispunha um grande acervo. Próximo à janela em que Luísa parou para observar outras crianças no parquinho, havia uma porta de entrada, a qual dava para a sala de leitura. Então perguntei para a menina sobre essa sala e ela contou que as crianças não têm o hábito de irem lá, e quando vão, assistem a filmes.

Angela contou à Marília que ela veio da Bahia com 16 anos, já trabalhava lá e tinha parado de estudar - "estudei muito pouco". Aqui, em São Paulo, ela trabalhava como doméstica e nos fins de semana ficava na casa da irmã que tinha residência na cidade. Aos 20 anos engravidou e "como na casa não aceitavam criança", levou o filho com dois meses para a Bahia, o qual foi criado por sua mãe. Quando Augusto completou dez anos, a avó, que ele chamava de mãe, faleceu e Angela o trouxe para São Paulo.

Diante das informações relatadas, pela idade dos filhos, chegamos à conclusão que ela já morava com Gilson, pedreiro, também da Bahia, que ela já conhecia de lá e tinham tido Luísa, então com três anos. Augusto, que foi para Bahia pequeno e que voltava com 10 anos, não queria vir para São Paulo, porque deixou lá amigos, a "mãe" e tudo que conhecia. Angela relatou que foi um período muito difícil, "ele veio magado", "eu tive que aprender sobre ele, sobre as coisas dele, como ele era". Mesmo assim, segundo Angela, ele nunca deu problema na escola. O menino fez o Ensino Fundamental na mesma escola em que Luísa estuda e optou por fazer o Ensino Médio à noite para começar a trabalhar. Trabalhava com o pai eventualmente: "quando ele vai assentar piso, leva o Augusto para fazer rejunte, essas coisas".

Ela o descreveu como um rapaz calmo e obediente, e como um bom aluno na escola. Quando não está na escola nem ajudando o pai, durante o dia, fica em casa, joga vídeo game; às vezes, um primo o chama para jogar futebol, mas nem sempre ele vai, em geral não joga, só assiste. Vai à casa da tia e quando sai à noite avisa, diz aonde vai e não volta tarde. Nunca virou noite e nem é de bebida. Ajuda no serviço doméstico: passa roupa, sabe cozinhar e quando ela chega do trabalho de diarista, às vezes, encontra o jantar feito. Arruma o quarto que divide com Luísa. Às vezes, a vê trabalhando no sábado e oferece ajuda, mas ela não aceita e ele então vai dormir mais um pouco. Para Angela, ele deve priorizar os estudos até terminar o Ensino Médio, depois vai trabalhar. A mãe disse que o menino pode fazer "algum curso". "Hoje em dia o estudo é muito importante". Angela foi às reuniões da escola quando o filho frequentava o Ensino Fundamental, mas nunca foi chamada por causa de problemas com Augusto. Atualmente sua preocupação é ligar para a escola e ver se o filho está comparecendo, "porque tem aluno que sai para a

escola, mas não chega lá, não vai".

Enquanto escutava o que Angela contava, pude conversar com Luísa. A menina frequentou uma creche e logo foi para esta escola. Na opinião da mãe, o ensino é bom, é uma boa escola, mas Luísa gostaria de estudar no CEU. Ainda que existam diversas atividades para as crianças da comunidade, a mãe não tem condições de levar a filha ao CEU no contra-turno, por isso a menina passa a tarde em casa. Luísa contou que tem Orkut, que gosta dos joguinhos de computador, principalmente do de cozinhar e de escolher roupa para as suas bonecas. A mãe não a deixa no computador até tarde, mas a mesma restrição não é feita ao menino. Segundo a menina, ele fica no computador até de madrugada. Mas percebi que ela não tem muita noção do tempo. Primeiro eu perguntei se ele ficava muito tempo no computador, ela disse que até de manhã, quando eu perguntei se ela sabia o horário mais ou menos, ela disse que "até uma da manhã".

Mostrou também seu celular, que era rosa, e achou legal o meu ser roxo. Então me pediu para olhar, eu deixei, e ela disse que era muito bonito. Eu elogiei o dela que na parte de trás tinha o adesivo das princesas e ela disse que gostava bastante delas, principalmente da Cinderela. Ela me perguntou qual era a minha princesa predileta. Contei que era a Bela, da Bela e a Fera, e que quando era pequena assistia ao filme toda semana. Ela pareceu surpresa com o meu relato, e ficou toda entusiasmada com nossa conversa.

Angela espera que os filhos estudem bastante, pois "hoje o estudo é condição básica de ter uma vida melhor". Ela não quer que o filho trabalhe, mesmo estudando à noite, pois, afirma que muitos jovens deixam os estudos para trabalhar e, posteriormente, acabam retomando os estudos por exigências do trabalho/mercado. Ela espera que o filho - que está cursando o 2º colegial - conclua o ensino médio e possa fazer outro curso para ajudá-lo no futuro. O mesmo discurso é feito em relação aos estudos da menina.

Luísa disse que quer ser médica, a mãe disse que ela brinca de médica com suas bonecas, mas revela não acreditar nessa possibilidade profissional para a filha. Ela também gosta bastante de brincar de escolinha com as bonecas, tem até uma lousa branca em casa. Contei que eu também tinha uma lousa dessas na minha casa, e que eu adorava brincar de professora. Contei

também que hoje eu faço faculdade para ser professora, e ela se interessou bastante pelo fato da Marília ser a minha professora e eu estudar para ser professora também. Ela me perguntou onde era a faculdade, contei que era na USP, que fica no Butantã. Depois ela me perguntou em que bairro eu morava, e quis saber se era próximo dali.

Ela contou que sua matéria preferida era Língua Portuguesa e que gostava bastante de ler e escrever. Não mostrou desinteresse pela escola, mas parecia que seu grande interesse eram as amigas. O tempo todo ela queria saber quem estava brincando lá embaixo, o que suas amigas estavam fazendo e demonstrou querer estar junto a elas. Entretanto, quando pediu à mãe para ir ao pátio, seu pedido foi negado e ela limitou-se a olhar para a janela e depois de um tempo voltou e se sentou ao meu lado.

Luísa me perguntou se eu tinha irmão ou irmã. Disse que não e ela quis saber se eu tinha um quarto só para mim. Minha resposta foi afirmativa, questionando-a sobre seu quarto. Ela e o irmão dividem o quarto, mas ela não gosta, queria um quarto só para ela. Ela contou que o irmão bagunça o quarto e que a mãe pede para ele arrumá-lo, mas ele não o faz, Luísa é quem arruma. Não ficou claro se a menina arruma porque gosta ou se porque a mãe pede a ela para arrumar, pois cada vez que era questionada, ela mudava sua resposta.

A renda familiar era composta pelo pai, pedreiro, e a mãe, diarista. Entretanto, a renda mensal podia variar, pois os trabalhos não eram fixos. Algumas vezes o menino ajudava o pai no trabalho. Luísa me perguntou se eu trabalhava, quando eu disse que não, ela contou que o irmão trabalhava em Itapevi com o pai. No trabalho doméstico, segundo a mãe, todos ajudavam. O pai e o menino passavam roupa, lavavam o banheiro e faziam a comida algumas vezes. A menina também gostava de ajudar na cozinha, mas a preocupação da mãe era com o fogão, então a menina só cozinhava quando a mãe ou alguém mais velho estivesse por perto. Luísa confirmou que ajudava sua mãe nas tarefas de casa, e quando perguntei se o irmão também ajudava, primeiro ela consentiu, mas num segundo momento, ela me olhou e disse que às vezes.

Nesta conversa com Angela, os pontos observados, que chamaram

nossa atenção, foram seu relato sobre o filho ser bem caseiro e a sua preocupação quando a Letícia for mais velha. De acordo com a mãe, a menina gostava de brincar na rua, fazia o que outras meninas falavam, ia a outros lugares sem avisar sua mãe, quer objetos - sandálias, bolsas - que as amigas tinham. Por esses motivos, a mãe preferia que a menina ficasse em casa, que não fosse à casa das colegas.

Angela garantiu que não há diferença nas regras para seus filhos, ainda que o discurso de Luísa seja contraditório. Havia punições quando necessário, mas primeiramente o diálogo. Se a Luísa aparecia com bilhete da escola por não fazer lição de casa ou por indisciplina, a mãe conversava e deixava a menina sem televisão ou sem computador, por exemplo.

- Família 3

Conhecemos a terceira família no dia da reunião de pais na escola, onde Marilda disse que aceitaria conversar conosco. Assim, marcamos na casa dela em meados de outubro.

Chegamos à casa da família, em outra comunidade, bem mais distante da escola, um pouco antes do horário combinado. Marilda e alguns dos filhos estavam do lado de fora e logo ela perguntou se iríamos demorar, pois eles iriam sair logo. Aquele dia era feriado e haveria uma comemoração gratuita do Dia das Crianças. Dissemos que não demoraria e ela disse que poderíamos conversar lá dentro. A casa fica no final da rua, numa descida, é bem pequena, com um cômodo que dispõe de um sofá, televisão, aparelho de som, uma mesa encostada na parede, na qual havia um micro-ondas e uma pia. Marilda contou que antes, eles moravam em outra comunidade, a qual era mais próxima à escola, de onde tiveram que sair para a urbanização ser feita pela prefeitura. Em decorrência desse fato, eles viviam com o bolsa aluguel da Prefeitura, porém preferiam estar na outra casa. Essa preferência foi explicada porque a nova casa “é mais longe, tem polícia e ladrões todos os dias”. Havia também uma amiga de Marilda nesta mesma situação, tendo que se adaptar à nova moradia na vizinhança. Então uma pode contar com a ajuda da outra

quando necessário. Próximo à entrada tinha um pequeno banheiro e mais ao fundo o outro cômodo onde, segundo Adriano, que ficou a maior parte do tempo lá, todos dormiam (ao todo nove pessoas).

Sentamos no sofá e a mãe não se opôs à gravação da entrevista. A professora Marília completou a ficha com o nome de todos que moram na casa - nove pessoas agora, considerando que o ex-marido não mora mais na mesma casa, mas parece que continua ali por perto. Então os moradores da casa são: Marilda, seus quatro filhos (Renato, Danilo, Douglas e João), suas três filhas (Silvana, Samantha e Aline) e uma neta (Sara filha da Samantha).

Marilda nasceu na Bahia, veio para São Paulo aos 18 anos, mas não relatou o motivo desta mudança. Contou que não teve estudo. Afirma que não soube aproveitar a oportunidade assim como seus irmãos que trabalhavam e estudavam. Por ser a mais velha, ela começou a trabalhar cedo e assim continuou, sem seguir os estudos. Todos os outros irmãos estudaram, mas ela não consegue especificar até qual nível de ensino.

Todos os filhos estudavam na mesma escola, exceto Renato. Ainda que ela não tenha feito críticas à escola, ela gostaria que os filhos estudassem em outras escolas. “A escola é muito longe”, as crianças têm de acordar por volta das 5h30min para chegar e, geralmente, vão a pé. Ela disse que não deixa os filhos faltarem. Ao perceber distorção em relação à série-idade na escolarização das crianças, Marília a indagou sobre as reprovações. Ela disse que não sabia o que havia acontecido, mas pontuou que nenhum deles tinha sido reprovado. Em relação às matérias em que se saiam melhor, ela afirmou que eles estavam bem em todas, que a professora não dizia nada contra e que ela só ouvia elogios dos filhos. Apenas uma das meninas deixou a escola, Samantha, de 15 anos, em razão da gravidez. “Ela ia à escola mesmo com barrigão, não se importava com o que os outros falavam”, mas depois teve que parar e ainda não retomou os estudos porque a filha Sara ainda estava sendo amamentada.

A única filha sobre quem são ressaltados problemas é Silvana. Segundo explicita umas das irmãs “Silvana não serve para nada”. Segundo a mãe, ela tem problema na fala, mas recentemente conseguira agendar a fonoaudióloga no posto de saúde. Silvana não ajudava nos afazeres

domésticos e também não fazia muita questão de ajudar a cuidar de Sara, pelo que nos pareceu pela observação durante a entrevista.

Como Marilda não tem estudo, as filhas mais velhas ajudam os outros nos deveres de casa. Provavelmente, elas ajudam Marilda com questões de leitura, parecem ser as 'responsáveis' pela casa. A mãe contou também que pretende voltar a estudar no próximo ano. Diz que não dá para ficar sempre pedindo ajuda aos filhos.

Quanto aos sonhos dos filhos apenas uma menina pensa mais no futuro. "Aline quer ser policial". Ela é a mais velha, 18 anos, e está terminando o ensino fundamental. O namorado quer casar, mas, de acordo com a mãe, ela disse que antes de casar vai terminar os estudos. Entretanto, não ficou claro se ela referiu-se ao ensino fundamental ou ao ensino médio. Douglas quer ser pedreiro como o pai, e, às vezes, o acompanha no trabalho. "Os outros são "muito pequenos", ainda não pensam nisso", diz a mãe. Marilda disse apenas que quer que os filhos estudem, enquanto ela está dando um jeito de sustentá-los com o dinheiro que ganha como doméstica, trabalhando três vezes por semana, e com um pouco que o pai contribui, e assim eles podem terminar os estudos antes de trabalhar. A renda mensal é composta do que ganha aproximadamente R\$ 600,00 e mais a quantia do pai das crianças que contribui com R\$ 300,00.

Marilda vai à escola apenas nas reuniões, conta que nunca foi convocada em outras ocasiões por queixa dos filhos. Ela não soube diferenciar as matérias que cada filho gosta mais, e quais as diferenças mais relacionadas aos estudos e ao ambiente escolar.

Nas atividades domésticas, as meninas acabam ajudando mais. Os meninos disseram que lavar a louça é "coisa de mulher". Raramente algum deles lava a louça, ou guarda. Os meninos costumam ir ao campinho jogar bola, mas as meninas ficam mais dentro de casa. Marilda não gosta que elas fiquem na rua. Ela contou que é bem diferente a criação de meninos e meninas. "Tem que ter mais atenção com as meninas", tanto que uma delas já engravidou, e com os meninos é mais fácil. Por mais que ela tenha falado que se algum dos filhos engravidasse uma menina, teria que assumir o filho, na prática temos dúvidas se isso realmente aconteceria. Em casa, elas ficam

vendo TV, gostam muito de novelas, e, às vezes, “jogam um joguinho”. Os meninos ficam no vídeo game. A mãe contou que as meninas não gostam muito deste aparato. Pelo que nos pareceu, as regras são diferentes para as meninas que devem ficar em casa, por este motivo elas acabam levando bronca mais vezes, por desobedecerem e sair de casa. Já para os meninos, não parece ser frequente a imposição de permanecer em casa. Eles podem ir ao campinho jogar bola com os amigos, o que aconteceu durante a entrevista. Independente do sexo, quando algum deles faz algo errado, Marilda afirma que dá umas “palmadas”.

Nenhum dos filhos ou filhas faz qualquer curso no contra turno, mas a mãe declarou que está tentando um curso de informática para a Aline e Danilo, gratuito, ali por perto. Ao perguntar o porquê só para os dois, ela disse que eles são os mais interessados. Marilda vai à Igreja Mundial toda semana. Ela não força nenhum dos filhos a ir com ela. Eles vão apenas quando pedem. Ela relatou que as crianças são simples, que não fazem questão de usarem roupa de marca. “Tendo o que vestir, está bom”.

Marilda contou que há três meses sua mãe, moradora do interior da Bahia, ficou uns dias com ela. A mãe ficou inconformada com a educação que as crianças têm aqui, que elas são muito largadas. Lá na Bahia, a educação seria mais rígida: os filhos não interrompem a conversa dos pais, eles rezam antes das refeições e antes de dormir. Marília, primeiro, questiona se ela estava se referindo ao tempo dela – Marilda - e de seus filhos, mas ela contou que é em relação aos seus filhos e seus sobrinhos. Porém, ela pareceu não se incomodar muito com esta questão, como se tivesse sido derrotada. Disse que aqui a cidade é diferente, não tem como ser igual à Bahia.

Enquanto eu e Marília estávamos na sala falando com Marilda, Adriano aproveitou para conversar com as crianças no outro cômodo. O cômodo era um quarto simples, um pouco maior que a cozinha, com uma cama de casal, uma cama de solteiro, uma beliche, um berço, um armário e uma estante com brinquedos de bebê. Não havia aparelhos eletrônicos, apenas uma janela voltada para uma porção bem pobre do bairro. A parede estava pintada de azul e parcialmente descascada, além de cheia de desenhos e escritas.

Havia, no quarto, as três filhas - Aline (18 anos), a mais velha,

Samantha (15 anos), mãe da Sara e Silvana (14 anos). No ambiente estavam presentes também os meninos - Danilo (13 anos), João (7 anos), e Renato (8 anos). O Douglas, de 10 anos, era o único ausente no momento. No quarto, também contávamos com a presença de Erik (20 anos), namorado de Samantha – no entanto, não é o pai da bebê Sara – e que destoava dos demais, tanto no seu jeito quanto na sua maneira de vestir. Erik foi apresentado a Adriano como cunhado e nas paredes do quarto era possível notar o afeto entre o casal. Nelas haviam escrito “Samantha e Erik”.

Samantha estava fazendo chapinha no cabelo de Aline, em cima da cama de casal. Adriano perguntou se elas iam sair, mas lhe disseram que não, que era apenas para “o cabelo não ficar bagunçado”. Silvana ficava passando de um cômodo para o outro da casa, mas depois ficou deitada na cama de casal. Renato, que parecia ser o mais agitado de todos os meninos, também ficou rodando para lá e para cá. Esse menino comia bala o tempo todo, jogando o papel no chão. Aliás, no chão do quarto havia vários papéis de balas e algumas outras coisas (teclado de computador, garrafa d’água). Na cama de solteiro estavam Danilo, João e Erik, jogando no notebook de Erik.

Pela conversa com as meninas, que contaram mais da organização da casa que os meninos, disseram que na cama de casal dormiam as filhas Aline e Samantha. No berço, dormia Sara apenas durante o dia, pois de noite ela dormia na cama com a mãe (Samantha). No beliche e na cama de solteiro dormiam os meninos. A mãe (Marilda), e aparentemente a Silvana ou o Douglas dormiam no chão. Adriano os questionou sobre o fato de mais uma cama ou colchão serem adicionados e responderam que sim. Disseram que o pai não morava mais com eles, mas que ele estava sempre por ali. Devia morar na casa em frente. Mencionaram que ele estava “fazendo uma laje”, uma referência à sua profissão de pedreiro.

Aline e Samantha eram as que mais ajudavam na casa. As duas meninas relataram que faziam de tudo, desde a limpeza até a comida. Com relação aos cuidados com Sara, elas afirmaram que todos ajudavam. Mas, em relação a trocar fraldas, por exemplo, eram poucos que o faziam. Renato, Silvana e Danilo não ajudavam na casa. Danilo assumiu que não ajudava, enquanto a Silvana coube o rótulo, dado pelas irmãs, de que “ela não servia

para nada”. João disse que ajudava e as irmãs confirmaram. Porém, não era todo o tipo de serviço que ele fazia: aparentemente, passar uma vassoura ou um pano. Em um segundo momento, no entanto, João disse que ajudava só quando não tinha o que fazer.

O pai das crianças, segundo as meninas, passava a maior parte do dia na casa ou nos arredores. Elas confirmaram que o pai levava os filhos para escola de carro, mas não disseram com que frequência. De toda forma, as caminhadas para a escola (estimadas em 30 minutos) pareciam ser comuns.

Ao perguntar sobre o que eles faziam, Adriano descobriu que quem jogava computador eram só os meninos. As meninas não demonstraram muito interesse pelos jogos e, além disso, afirmaram que não podem jogar porque os meninos não deixam. Ainda, Samantha e Aline contaram que, às vezes, os meninos falam para elas “a gente manda e vocês obedecem”, no que as meninas, a princípio, respondem que “nós não somos empregadas para fazer o que vocês mandam”. Os meninos frequentavam o campo de futebol próximo a casa e também empinavam pipa. Aparentemente, o lazer das meninas limita-se à televisão na sala.

Todos os filhos pareciam preferir o lugar antigo onde moravam. Samantha comentou que depois que vieram para a casa atual, todo mundo ficou mais desleixado. Aqui, parece que tem polícia o tempo todo. Existe um medo da rua. Pelo que contaram, Renato, de apenas 7 anos, é amigo de uns “maconheiros”, que de vez em quando passam em casa para “buscar ele”. Além disso, a casa fica numa baixada que, às vezes, é alagada. As meninas contaram que a água já chegou à metade do quarto, certa vez. Alguns dos filhos (Aline, Samantha com certeza) tiveram a oportunidade de visitar a cidade natal de Marilda, na Bahia. Elas apenas comentaram que gostaram, mas não para morar. Disseram que preferem São Paulo, onde cresceram, e principalmente a antiga moradia.

Chamou nossa atenção a presença de Erik. O garoto, como já foi dito, não era o pai da Sara, mas foi quem trocou sua fralda. Ele já havia concluído o ensino médio (mencionou que “terminou os estudos”) e estava trabalhando no shopping Vila Olímpia – não foi possível saber a ocupação exata. Ele estava um pouco distante, não participou tanto da conversa e nem respondia muito.

Não sabemos mais detalhes, mas pela rápida conversa que ele teve com Adriano, o garoto morava ali por perto.

Em um dado momento, João apontou para sua irmã Aline e comentou: “Ela tem 18 anos e está na 8ª série”. Aline deu uma pequena risada e disse que “era normal isso”. Adriano percebeu que havia uma disputa entre todos os irmãos pelo som que um queria escutar. Renato gostava de funk, mas as meninas – com exceção da Silvana – detestavam. Samantha comentou que gostava de pagode e Silvana disse gostar do Luan Santana. Porém, quando um colocava o som alto o outro pedia para baixar. A partir de uma tentativa do Renato em pegar as balas de um pacote que não era dele, havia a ideia das irmãs mais responsáveis (Aline e Samantha) de controlá-lo, mas o menino não parecia estar convencido.

- Família 4

Para esta entrevista, apenas Adriano pode comparecer com a professora Marília. Quando a professora Marília chegou ao prédio, onde o pai trabalha como zelador e porteiro, Edna já os aguardava. A família mora numa cobertura acima do 7º andar que é o último servido pelo elevador. O prédio não é novo, mas todos os apartamentos devem ser grandes (dois por andar), antigos e muito valiosos pela localização privilegiada. A fachada do prédio estava bastante decorada, e havia todos os procedimentos de segurança (portaria, interfone, dois portões) para poder adentrá-lo. O movimento no prédio estava bem pequeno no horário observado (em torno de 15h de um sábado).

Logo que ela, Edna, abriu a porta, fomos recebidos pela simpática cadelinha da família (tinha lacinho rosa na orelha), silenciosa e bem comportada – depois soubemos que se chama Baby. O apartamento estava arrumadíssimo, bem limpo e além de Edna, só estava em casa Ana Paula, a irmã menor, brincando de boneca. Ela estava com roupa discreta (camiseta branca e shorts rosa e os seus longos cabelos ondulados estavam presos com um rabo de cavalo). O som do rádio estava ligado em um volume alto, e Edna mandou a filha desligar ao entrarem no apartamento. E, logo, os conduziu à

copa-cozinha, onde há uma mesa redonda e todos se sentaram. Foi preciso tirar umas bonecas que estavam encostadas numa cadeira, o que Ana Paula fez, rapidamente, só de Edna olhar pra ela. A mãe da menina estava vestida de preto, de saia e com os cabelos presos num coque para trás. Havia uma garrafa gelada de H₂OH que ela nos trouxe, sem abrir, junto com dois copos de vidro pesados e trabalhados.

O apartamento era pequeno, com uma varanda que serve também para secar roupas (discretamente no canto). A copa cozinha era espaçosa. Na área de serviço havia uma tábua de passar roupas que estava aberta. Havia um vestíbulo, um banheiro e um cômodo grande que foi dividido por estantes vazadas em três partes: sala de estar (com uma grande televisão, um sofá e um computador aparentemente moderno); quarto das crianças (com um beliche) e o quarto dos pais. Ficou difícil identificar o lugar onde dorme o irmão de 18 anos, Julio. Na cozinha havia armário de parede, geladeira, fogão e forno elétrico, os móveis eram novos, lustrosos e combinados, havia quadros (natureza morta) na parede, borboletas de plástico coladas perto da cama de Ana Paula. O vestíbulo estava pintado com cor de rosa forte, contrastando com a porta branca. Tinha um vaso de planta muito bem cuidado sobre a mesa, a qual estava com uma toalha de plástico. Edna estava preocupada por não ter o telefone da professora Marília para avisar que Lucas não estaria presente na entrevista, explicou que ele quis ir com o pai assinar o contrato de um apartamento que compraram em Interlagos, para pagar em 20 anos, onde eles haviam morado antes e local em que seus parentes ainda moram.

Durante toda a entrevista ela foi muito tranquila, bem articulada e aberta. Apenas algumas frases reticentes. Mostrou grande capacidade de articulação, por exemplo, dizendo que falava com base na filha e que não sabia se dava para “generalizar” (usou esse termo). Custou um pouco para revelar que a Igreja que frequenta é a Testemunhas de Jeová e ficou bastante preocupada com a perspectiva de Adriano ir à casa dela sem sua presença, para conversar com as crianças, marcando, então, para um dia em que ela estaria lá também. Quando a professora Marília comentou que o apartamento era arejado e silencioso ela os levou até o quarto dizendo que dali vinha o barulho da Avenida Rebouças. Na verdade, a família mora em uma localização

excelente de acesso a escolas, hospitais e meios de transportes. Além disso, há lojas e muitos equipamentos culturais, que servem mais para contrastar com seu padrão de vida. Mas certamente a possibilidade de informação – que ela e o marido parecem aproveitar bastante – é um diferencial: ficar sabendo da Escola de Aplicação; a mãe ter feito supletivo no ensino médio, saber das aulas de balé para a filha quando era pequena, e o curso de computação para o filho mais velho. Durante toda a entrevista nem ouvimos a voz de Ana Paula, que mal veio à sala e ficou brincando. Havia bonecas, objetos e uma caixa cor de rosa na sala onde ela brincava e a televisão estava ligada com som baixo. Na entrevista Edna mencionou a compra de um computador e que o videogame do Lucas estava quebrado. Eles disseram ter um carro, o qual é usado para levar a filha até a Escola de Aplicação e possivelmente para ir à casa da irmã de Edna todos os domingos. Na saída, a professora Marília perguntou a Ana Paula quem penteava seus longos cabelos e a menina disse que era ela, o pai ou a mãe e que eles davam mais trabalho quando estavam lavados. Edna mencionou que “Eu prefiro que ela não corte”. Além da arrumação da casa e o silêncio da menina e da cadelinha, também obtivemos a descrição detalhada da rotina de Edna, com horários certos para ir e voltar da casa da patroa. Sexta-feira passa roupa à noite, sábado arruma a própria casa, “para no domingo eu ter folga”. Em diversos momentos da entrevista ela mencionou sua rotina e alguns horários, os dias em que vai à Igreja (quintas-feiras e sábados) e os horários dos filhos.

A história de vida e a família de Edna lembram, por um lado, a mãe da família 2 (Angela), que teve um primeiro filho, hoje com 18 anos, viveu afastada dele pela mesma razão (porque dormia no emprego e na casa não aceitavam crianças) e tem uma menina de 9 anos. Ambas vieram “da Bahia”. Esses dois rapazes parecem meio deslocados das atuais famílias. Por outro lado, Edna diz que “era ingênua, boba”, por isso engravidou aos 17 anos. Já os pais da família 1, também ambos com 17 na primeira gravidez, falaram mais abertamente da história, talvez por serem mais novos (Edna deve ter 34 ou 35 anos, e eles têm 25) - não perguntamos a idade do Joaquim. Angela, da família 2, fala com muita tristeza do episódio de afastamento do filho. Edna foi mais contida, mas se mostrou muito descontente com os rumos que o filho estaria dando à vida e

atribuiu isso ao fato de terem vivido longe um do outro. Interessante também foi comparar Julio (filho de Edna, de 18 anos) que não trabalha nem estuda, com a Aline (filha de Marilda, de 18 anos). Essa menina, podemos dizer que, era a intelectual da casa, chegou à 8ª série e queria ser policial.

Diferentemente das outras mães, Edna não mostrou preocupação com a sexualidade da filha, talvez por ela ter apenas 7 anos e ser muito controlada pela mãe. Talvez essa preocupação esteja “embutida” nos cuidados que tem e na fragilidade que atribui às meninas. Quase todas essas mães são empregadas domésticas, com exceção de Eliana (família 1), a qual havia trabalhado também na limpeza do CEU. Nossas análises preliminares mostram que parece haver grande diferença, no grau de informação disponível às famílias entrevistadas até agora, que permite escolhas escolares, cursos complementares, algum planejamento para compras a crédito etc. Até o momento a família 4 parece estar em vantagem economicamente, pois mora no apartamento do zelador e assim pode comprar um segundo, para alugar.

- Família 5

A professora Marília combinou com Roseli por telefone que iríamos entrevistá-la. A casa dela foram a professora Marília, Adriano e Tatiana. Segundo a caracterização do contexto da entrevista⁴, a casa ficava na parte pobre da rua, num bairro da zona oeste que combina grandes galpões industriais com áreas de ocupação por moradias precárias. Antes dela sucessivos galpões de indústrias, adiante, um colorido conjunto habitacional de prédios pequenos. Havia comércio próximo: pequenas lojas de roupas, uma padaria (em ambas foi perguntado se conheciam a família 5 e só souberam dizer onde era a casa pelo número da rua) e outra loja maior. A distância de uma das portarias da USP até a casa é de aproximadamente 5 minutos a pé. A rua em que essa família mora é bastante estreita, e dá acesso a uma “comunidade” que se espalha ao final dela.

⁴ Dispomos de arquivos com todas as informações sobre a caracterização do contexto das entrevistas, os quais são consultados constantemente para esclarecimentos sobre as famílias.

Nossa equipe chegou às 9h30min de uma segunda-feira chuvosa na casa. Apesar da chuva e do frio, Roseli não abriu sequer o pequeno portão da “varanda”, de início, e conversaram através das tábuas de madeira. A professora Marília disse a ela que tentou ligar várias vezes no dia anterior para confirmar a entrevista pré-agendada e que a chamada para o celular só caía na caixa postal. Contou a ela que havia falado com Armando (marido dela) e que ele tinha informado outro número de telefone, o da sogra dela. Ela disse que não sabia de cor o número desse telefone, perguntando quanto tempo vamos gastar (“Uns quinze minutos?”), porque tinha uma consulta médica (essa consulta era às 9h depois foi dito que era às 11h). Por fim, conseguem que ela os receba para dar alguns dados básicos, mas visando, principalmente, conhecer um pouco da residência. Sentaram-se num pequeno sofá da sala. Havia outro sofá, fazendo 90° com o primeiro, e uma mesinha. Notaram uma tiara na cor rosa e de plástico sobre um dos sofás. O ambiente dispunha dos seguintes móveis: sofás de dois e três lugares, uma estante com uma grande televisão de tela fina, um CD player, algumas flores de pano e as mochilas das crianças. Observação curiosa é que na estante não havia, por exemplo, nenhum CD ou DVD. A sala só contava com uma janela para a varanda. Na varanda viram uma sacola dependurada num prego, dois pares de chinelos - um infantil na cor rosa e outro de numeração maior, os quais indicavam ser respectivamente de Carolina e Enrico. Ouviram também, dentro da casa, o canto de pássaros. Perceberam o barulho da panela de pressão e o cheiro de feijão. Vista por fora, a casa apresentava reboco na parte de baixo e um segundo andar de “tijolo aparente”. Vale ressaltar que a sala estava bastante arrumada e limpa.

Posteriormente, Roseli e Armando foram entrevistados em sala da Faculdade de Educação. Informaram que Roseli veio do Maranhão com 19 anos “só para visitar” e acabou ficando. Morava na Zona Leste. Há 11 anos conheceu Armando, nascido em São Paulo. Logo tiveram os filhos Enrico e a Carolina. Quanto ao menino disseram que tentaram colocá-lo na Escola de Aplicação, “mas lá é muito difícil”. Ele tem 12 anos e está na 7ª série numa outra escola pública próxima, a qual a mãe considera ser “mais ou menos”. As crianças frequentam atividades no contra turno: Roseli não lembrou o nome do

local que Carolina frequentava, mas disse que “é projeto social” e o Enrico vai à escola de manhã, à tarde frequenta um centro que ela disse ser mantido pela Abril. Ela contou que “tem cursos” lá.

Roseli disse que não está trabalhando mais, que tem outros planos, de melhorar de vida. Está fazendo Ensino Médio à noite. Trabalhava como auxiliar de serviços gerais numa empresa terceirizada, “com limpeza, né?”. Como ela não se sentou, nossa equipe não deu prosseguimento e tentou marcar outro dia. Roseli foi enfática quanto ao local da entrevista, teria que ser na USP. Diante de tal receio por parte da entrevistada, a professora Marília deixou a ficha do Termo de Consentimento, a qual contém todos os contatos dela. Ela disse: “Não te dou meu e-mail porque tem mais ou menos uma semana que estou sem e-mail” (internet?) Armando já tinha dito, pelo celular, de manhã mais cedo, que estavam refazendo a ligação telefônica da rua e lá estava sem telefone. Porém, nenhum dos dois passou outro número de telefone, mesmo a pedidos, embora ela tenha dito que “tenho um fixo”.

Passados alguns dias, eu e Adriano conseguimos marcar um dia para conversar com Armando, na USP mesmo. Quando Adriano ligou para o celular de Armando, numa sexta-feira, perguntou sobre a possibilidade de conversarmos pessoalmente. Ele respondeu que havia sido marcado para aquele dia, às 17h20min perto da Escola da Aplicação. Adriano aceitou a proposta, avisando-me em seguida. Encontramos-nos às 17h perto da livraria da EDUSP, na FEUSP.

Estava chovendo. Esperamos um pouco por ali. Quando era 17h20min, vendo que ele não aparecia, resolvemos nos aproximar da escola. Entramos na recepção por onde os funcionários acessam a escola e ele estava lá sentado, nos esperando. E falou: “Vi que vocês não apareciam; já ia embora daqui a pouco”, e completou que “marcamos para as 17h15min”, quando na verdade havia sido às 17h20min.

Fomos com ele até a sala que havíamos reservado para conversarmos melhor. Ele, apesar da cobrança, foi simpático e parecia bem aberto à conversa, mais que a sua esposa. Ele estava vestindo uniforme de trabalho: uma jaqueta com o símbolo da USP. Sabíamos apenas que ele era motorista. No caminho para a sala, perguntei sobre o trabalho dele, e ele me relatou que

era motorista da USP. Tinha sido motorista do circular, mas atualmente estava apenas pilotando veículos menores (possivelmente para transporte de pequenas cargas). Aparentemente, seu trabalho tem alguma flexibilidade, uma vez que é ele o principal responsável pelo transporte das crianças (no caso, da filha, que estuda mais longe de casa).

Ao longo da entrevista, ele respondeu nossas perguntas sem nenhum problema. De modo geral, percebemos que ele é bem machista (disse que voltou a estudar, e a própria professora falava que ele era machista), e que transmite para os filhos a noção de que tarefa doméstica é coisa de mulher, por exemplo. Ficamos conversando até às 17h50min, quando Adriano comentou sobre a possibilidade de falar com as crianças. Sobre isso, ele não disse nada além de “fale com a minha mulher. Mas aquela lá...”. Assim, pudemos perceber que a responsabilidade da casa e dos filhos compete a Roseli. Próximo das 18h ele informou que precisava buscar sua filha na saída da escola. Saímos da sala, ele rapidamente se despediu e foi em direção à Escola de Aplicação. Acabamos não o acompanhando até a escola.

4 PRIMEIRAS ANÁLISES

É muito fácil dizer que meninos e meninas são muito diferentes. Principalmente, quando estas afirmações vêm em decorrência do desempenho escolar. Nas escolas e nas famílias encontramos discursos semelhantes sobre as crianças. Essas instituições têm suas concepções de menino e menina muito parecidas. Para elas, os meninos são bagunceiros, não gostam de estudar, estão em maior número no grupo de repetentes, passam mais tempo na rua e não ajudam em casa. Por outro lado, o que pensam sobre as meninas é o oposto. Nos relatos sobre as meninas encontramos ideias de que elas ajudam nas tarefas domésticas, tem um bom comportamento, são melhores alunas e que se dedicam mais aos estudos. A aceitação desses discursos, sem ao menos questioná-los quanto à sua veracidade, parecem se naturalizar cada vez mais nas escolas e nas famílias.

Entendo que ajudar ou não em casa, ser bom ou mau aluno, ser organizado ou bagunceiro não são características restritas aos meninos ou às meninas. Elas apresentam-se para ambos, e a socialização dessas crianças permite-nos compreender um pouco mais da sua concretização. Afinal, “as diferenças observadas entre meninos e meninas têm como origem as construções sociais de masculinidades e feminilidades, historicamente definidas” (ARTES e CARVALHO, 2010, p.44).

Essa constatação pôde ser observada quando realizei o trabalho final para a disciplina “Escola e Relações de Gênero”, ministrada pela professora Marília, no segundo semestre de 2011. Para realizar este trabalho, consegui autorização da coordenadora da escola na qual localizamos as famílias 1, 2 e 3 para que pudesse acompanhar a rotina da sala da professora Daniela e do professor Davi. O foco do meu trabalho constituiu-se na percepção das diferenças no uso do tempo desses meninos e meninas. Ou seja, entender um pouco mais sobre o cotidiano dessas crianças, suas ações dentro e fora da escola.

Minha prioridade foi verificar estes aspectos em quatro alunos: Silvana, Elisa, Douglas e Luísa. Todos têm aspectos em comum: estão cursando a mesma série daquela escola, provém de famílias de baixa renda, com pais e mães pouco escolarizados e moram em “habitações subnormais” da região oeste de São Paulo. Porém, muitas diferenças podem ser destacadas: distorção idade-série; comportamentos em sala de aula; atividades extracurriculares, bem como a ajuda nos afazeres domésticos, e a realização de atividades no contra turno e brincadeiras. No próximo subtítulo “Análise da escola”, exemplifico as diferenças encontradas.

4.1 Análises da escola

Apesar de a escola oferecer a possibilidade de trocas sociais para ambos os sexos, ela parece ser mais relevante para as meninas, pois os rapazes desfrutam de maior liberdade porque a sociedade possibilita que eles

circulem em espaços e tempos bem mais diversificados. A escola é um dos espaços mais legitimados para moças, e também dos menos sexistas (MADEIRA, 1997, p.66).

A instituição escolar representa um lugar de sociabilidade, um espaço de convivência com pessoas mais velhas e mais novas, com experiências semelhantes e distintas, um lugar para aprender e ensinar. Talvez para os meninos nem tanto, mas para muitas meninas é um ambiente de mais “liberdade” (MADEIRA, 1997), onde elas podem deixar um pouco de lado a tarefa de cuidar dos irmãos mais novos, e ter seu próprio momento de conversar com as amigas e de conhecer outros garotos. De acordo com Artes e Carvalho (2010), que se baseiam em dados do PNAD de 2006:

enquanto uma parcela de jovens da faixa etária escolhida trabalha fora – 10 a 14 anos -, sendo 10,6% dos meninos e 5,8% das meninas, a atividade afazeres domésticos é realizada por 47% dos meninos e 78% das meninas (PNAD, 2006, p.46).

Contudo, as mesmas autoras chamam a atenção para a grande diferença no tempo despendido com estes afazeres conforme o sexo: “enquanto apenas 8,5% dos meninos gastavam mais de 11 horas semanais, 37,2% das meninas empregavam esse tempo em afazeres domésticos” (PNAD, 2006, p.52).

Baseando-se em falas do senso comum, seria corriqueiro dizer que as meninas são melhores alunas do que os meninos. No primeiro dia em que estive na primeira escola escolhida para prosseguir a pesquisa, minha observação foi na sala de Elisa e Douglas. Sentei-me ao fundo para que pudesse ter uma visão mais geral da sala. Alguns alunos pareciam ser mais velhos do que o esperado para uma sala de 4ª série, onde a maioria das crianças deveria ter por volta de 10 anos. E realmente, havia uma distorção em relação à série/idade, pois a professora disse que alguns meninos e meninas estavam cursando pela segunda ou até mesmo pela terceira vez esta série.

Logo que a professora Daniela entrou na sala, Elisa e Douglas sentaram-se nas carteiras que estavam na frente da mesa da professora. Houve bastante resistência, por parte dos demais meninos, para se sentarem e deixarem a professora falar. Neste dia só estavam presentes cinco meninas.

Daniela me apresentou Elisa que ficou feliz em me ver ali, pois sabia que minha professora já estivera em sua casa para conversar com seus pais. Duas outras meninas sentaram-se ao lado de Elisa, à frente da professora. As outras duas estavam mais para trás, e eu me sentei com elas. Do outro lado da sala estavam todos os meninos, exceto Douglas, que estava na primeira carteira e havia um colega sentado atrás dele. Na primeira parte da aula, Elisa e Douglas estavam bem atentos. Eram os primeiros a copiar a lição e resolver os exercícios.

Nesta sala, são poucos os que fazem as tarefas. A bagunça dos meninos é mais evidente: batem figurinhas, se jogam no chão e discutem uns com os outros. Embora as meninas, algumas vezes, demorem a fazer as lições, ou até mesmo deixem de fazê-las, a “bagunça” delas limita-se a ficarem conversando, dar risadas um pouco mais altas e, às vezes, levantar para conversar com alguma colega que esteja um pouco mais distante.

O que ficou bem visível para mim é que Douglas, além de ser o mais comportado, realiza prontamente todas as atividades solicitadas, e sempre que está em dúvida, questiona a professora. As meninas que se sentaram perto de mim disseram que ‘ele é o melhor aluno da sala’, ‘ele é tímido, fica sempre assim, quietinho’. Em uma posterior conversa com a professora, seu relato confirmou a opinião das meninas. “No começo do ano, Douglas tinha mais dificuldade, agora já consegue fazer as lições sozinho, mas sempre que tem dúvida, ele me chama”, diz Daniela, contente pelo progresso de seu aluno.

No outro dia, estive na sala de Luísa e Silvana, irmã de Douglas. Ficou mais difícil perceber como estes alunos lidam com as tarefas propostas em aula, pois neste dia o professor não foi à escola. Duas das aulas eram de educação física. A proposta era vôlei, meninos *versus* meninas, mas algumas meninas não quiseram participar da atividade. Ficaram sentadas conversando, apenas na segunda aula pediram para a professora pegar a corda para elas pularem.

Esta sala apresenta mais alunos repetentes, tanto meninos como meninas. Silvana é um exemplo, já repetiu três vezes a quarta série. E, segundo a coordenadora, é provável que no ano que vem ela esteja na 5ª série, mas não por mérito, e sim por receio de que mais uma repetência a

desestimule ainda mais. Anita, a coordenadora, contou que o professor já tentou trabalhos paralelos e distintos com a aluna, e que ela também já esteve na sala de aceleração. “Ela tem muita dificuldade, parece que esquece tudo que aprendeu no dia anterior, é como se todos os dias ela tivesse que aprender tudo novamente”.

Como Silvana já tem 14 anos, ela anda com as meninas de sua sala que são mais velhas, e com os meninos que também são repetentes, por proximidade e por terem mais em comum do que com as meninas mais novas. Luísa, por sua vez, anda com as meninas de sua idade e fala com os meninos apenas quando eles se dirigem a ela.

Como não tiveram aula, propriamente dita, pude observar o comportamento da turma quando outra professora ficou em sala para substituir Davi, o professor regular. A bagunça era assustadora! Meninos e meninas não queriam fazer a leitura do texto que a professora levou para eles. Alguns ficavam empurrando mesas e cadeiras, enquanto outros, embora não estivessem fazendo o solicitado, estavam quietos conversando, ou escutando música.

De modo geral, a coordenadora explicou que as duas salas têm alunos repetentes, sejam estes do sexo masculino ou feminino e que ambas as salas são agitadas. “Douglas realmente é um bom aluno”, disse Anita confirmando o discurso da professora Daniela, “A única coisa a dizer de Elisa é que ela conversa bastante”. Destes quatro alunos – Elisa, Douglas, Luísa e Silvana – nenhum apresenta problemas de indisciplina. A conversa é comum e brincadeiras são recorrentes em todas as salas. Silvana é a única que apresenta distorção de idade em relação à série e, que, como foi dito à mãe, ela precisaria de um acompanhamento fonoaudiológico e de uma avaliação psicológica. De acordo com a coordenadora, a escola chegou até a apelar ao Conselho Tutelar para obter este atendimento para Silvana, pois a mãe não tomava providências. Como vimos, pelo fato desta escola não ser de fácil acesso às crianças, depois que eles tiveram que se mudar em razão de política de urbanização promovida pela prefeitura, a mãe tentou transferir seus filhos para uma escola mais próxima à nova residência, mas não conseguiu.

“A escola em si mesma não é responsável pelos estereótipos culturais:

todavia, funciona como mais um agência de socialização a fortalecê-los [...] (MELLO apud ROSEMBERG, MOURA e SILVA, 2009, p. 501)”. Enquanto esperava na sala dos professores para conversar com a coordenadora, notei que a maioria das reclamações feitas era sobre os meninos, que, os professores, além de os criticarem, algumas vezes, comparavam-nos com as meninas mais ‘comportadas’, dando a entender que a bagunça era constante apenas entre os meninos.

Porém, pelo que pude perceber de minhas observações nestas duas salas, a bagunça não se limita aos meninos, as meninas também participaram, ambos conversaram e resistiram em fazer as atividades propostas. As meninas, na maior parte do tempo, elaboram estratégias para não serem percebidas na desordem (BRITO, 2004). O que, na maioria das vezes, os diferencia é a maneira como expressam suas vontades: conversando em seus lugares, ou gritando, saindo da sala, provocando e/ou batendo nos colegas.

4.2 Análises das famílias e a construção das relações no ambiente familiar

A família é concebida como o primeiro ambiente onde se estabelecem as relações sociais, e a construção do sujeito que pode ser percebido pelo fato de que

Há um certo consenso de que, na produção da criança como ser sexuado, os processos educativos familiar e escolar são decisivos. A família, ou o grupo doméstico, é tido como o meio privilegiado da socialização primeira e básica das crianças, secundada pela escola (DUQUE-ARRAZOLA, 1997, p. 352).

Considerando como nosso objeto de análise meninos e meninas das camadas populares, é plausível a ideia de que estas crianças e jovens precisem trabalhar fora para ajudar com a renda familiar, principalmente quando o número de pessoas que moram na mesma casa é grande.

Entretanto, nenhuma de ‘nossas crianças’⁵ tem essa necessidade e, nas entrevistas as famílias mencionam que, primeiro, os filhos precisam terminar os estudos. Por enquanto a responsabilidade de sustentar a casa é dos pais.

Ao considerarmos os ditames simbólicos e materiais que conformam a experiência das classes trabalhadoras urbanas, as crianças e jovens apresentam uma inserção na família que faz delas, desde cedo, seres responsáveis pelo destino de todos (HEILBORN, 1997, p. 335).

No caso de nossa pesquisa, esta ‘responsabilidade pelo destino de todos’, refere-se aos cuidados relacionados à casa. Lavar a louça, lavar e passar as roupas, preparar as refeições, cuidar e dar banho nos irmãos menores, levá-los e/ou buscá-los na escola, fazer compras para casa são algumas das atividades que, principalmente, as meninas, das famílias entrevistadas na primeira escola, incluem em suas rotinas.

As meninas desde cedo aprendem que a casa é ‘coisa de mulher’. São socializadas para lidar com as tarefas envolvidas no cuidado com o lar e, sobretudo, repreendidas se não responderem positivamente tais demandas (HEILBORN, 1997, p. 311).

Isto ficou mais claro quando Elisa contou, na escola, que, algumas vezes, sua mãe chegava a casa e reclamava que ela não fazia nada. Como justificativa, ela disse que “fica difícil fazer tudo com o Yuri - irmão mais novo - no colo, sendo que meus irmãos só ficam no videogame e não me ajudam em nada”.

Esta perspectiva muda um pouco quando refletimos sobre as famílias entrevistadas na segunda escola. Nenhum dos responsáveis mencionou a necessidade de ajudar em casa. A mãe de Ana Paula e Lucas relata “eles me ajudam, sim, arrumam o quarto [...], quando eu passo as roupas, separo num montinho de cada um, e eles mesmos colocam nas gavetas”. Entretanto, o pai de Carolina e Enrico conta que as crianças não ajudam em casa, e que a mãe também não pede. Mas que “trabalho de casa quem faz é a mulher [...], depois

⁵ Ao termo ‘nossas crianças’, refiro-me a Elisa, Douglas, Silvana e Luísa, já que o trabalho prioriza a análise destas.

tem que ensinar a menina porque quando ela crescer, ela vai cozinhar, o menino não precisa disso”. Fica nítido o pensamento do pai sobre a sua diferenciação ao criar um menino e uma menina. “Tanto as mães quanto os pais são um pouco mais exigentes com as filhas do que com os filhos” (SAMPAIO, 2007, p. 145). Armando afirmou que com a menina seria criada com “rédea curta”, enquanto que o menino teria maior liberdade de ficar na rua e ficar com os amigos. Vale lembrar as observações de DaMatta sobre espaço, o qual é construído pela sociedade. O autor pontua que “o espaço não existe como uma dimensão social independente e individualizada” (1991, p. 34), ele pode ser “confundido com a própria ordem social”. O que notamos é a diferenciação do espaço (rua) para meninos e meninas. Os pais parecem seguir a ordem social do local, a qual estabelece fronteiras diferenciadas para seus filhos de acordo com seu sexo.

Tentei conversar com o Douglas, na escola, mas não tive muito sucesso. As meninas disseram que ele é tímido, e que também não conversa muito com elas. Os outros meninos me perguntavam coisas como minha idade, de onde eu conhecia a professora deles, se eu voltaria ali, e ele continuava quieto. Quando eu perguntava alguma coisa, quase todos respondiam, exceto Douglas. Percebi que não ia adiantar ficar insistindo, pois ele não estava disposto a conversar. Com as meninas não tive nenhum problema. Eu mal terminava de responder uma pergunta, e as meninas já começavam a me questionar novamente. Acredito que essa facilidade deve-se ao fato de eu ser ‘menina’ como elas.

Já que elas estavam confortáveis com o nosso diálogo, comecei a questioná-las sobre a rotina em casa, pois, “pensar o cotidiano significa assumir que a sua constituição requer a presença de outros, e são nessas inter-relações que se estabelecem os códigos de referências para as relações futuras” (MACHADO, 2006, p. 147). Perguntei se elas tinham irmãos ou irmãs, se eram mais velhos ou mais novos, com quem moravam e quais ajudavam em casa. Elas contaram que tinham irmãos, mais velhos e mais novos. Mas quase nenhuma delas ajudava em casa. Porém, quando eu perguntei se os irmãos ajudavam, elas logo disseram que eles eram muito preguiçosos. Juliana disse que é bem preguiçosa e que de vez em quando ela ajudava sua mãe. Luísa

disse que ajudava sempre sua mãe – confirmando o que foi dito na entrevista - e Isadora foi logo dizendo que lavava e estendia as roupas, lavava a louça, passava pano na casa e arrumava os quartos. Silvana disse que ajudava um pouco em casa, mas quem mais fazia o serviço na casa dela eram as meninas mesmo.

Embora não tenha sido possível um diálogo com o Douglas, na entrevista com sua mãe, ela disse que os meninos até ajudavam, ‘lavam uma loucinha’, mas que as meninas faziam comida, lavavam as roupas e arrumavam a casa. Assim,

em razão da maneira diferencial como se articulam os papéis sociais para meninos e meninas, o trabalho doméstico reveste-se de um conteúdo de ‘obrigação’ para as meninas e para os meninos como ‘ajuda’ condicionada à vontade deles. [...] Revela-se, nesse modelo complementar, a lógica de gênero que organiza as relações no grupo doméstico, fazendo com que o domínio da casa apareça como de responsabilidade feminina (HEILBORN, 1997, p, 312).

4.3 Atividades além do horário escolar

A família de Elisa foi a única, dentre as primeiras famílias entrevistadas, que relatou atividades no contra turno. Todos os filhos fazem atividades no CEU. A menina já fez ballet e atualmente faz ginástica e natação. Seus irmãos, além da natação, praticam futebol. É relevante o fato de que o pai trabalha no CEU, facilitando o trajeto das crianças e os contatos para conseguir vagas. No caso de Luísa, a mãe disse que não tem condições de levar e buscar a menina, pois ela precisa trabalhar. A mãe de Douglas e Silvana diz vagamente que procura um curso de computação para dois dos filhos – os que se interessam, diz ela, mas nada foi dito em relação aos outros. E, possivelmente, o acesso também seria um impedimento, já que ela menciona que a escola é muito longe de casa. Percebe-se, então, que a maioria dessas crianças das camadas populares, tem seu universo limitado pela escola e pela vizinhança, não tendo contato com outros cursos e atividades no seu cotidiano.

Edna (família 4) conta que as crianças não fazem atividade extra, “deixa mais pra frente, para terem mais noção e saber aproveitar”. Como Joaquim, o filho mais velho, fez aula de computação, inglês e espanhol quando estava na 7ª série, ela pretende fazer o mesmo com Ana Paula e Lucas. Já na família 5, Carolina e Enrico frequentam, desde bem pequenos, “projetos”, assim denominado pelos pais, no contra turno. São locais diferentes, mas ambos são ONG’s com espaços de atividades artísticas, esportivas e também com um tempo reservado para fazer as tarefas da escola.

Numa visão preliminar, parece haver pouca diferenciação na oferta de atividades extra para filhos e filhas dentro da mesma família: quando é possível, ambos frequentam; quando a família tem dificuldade em organizar esse tipo de atividade, seja por desinformação, desinteresse ou dificuldades materiais, tanto os filhos quanto as filhas ficam excluídos. Apenas no caso da família 1, é nítida a diferenciação no tipo de atividade oferecida: ballet e ginástica artística para a menina e esporte coletivo – futebol – para os meninos.

4.4 Impressões sobre a liberdade em relação aos espaços: semelhanças e diferenças entre as falas de mães e filhos

É difícil conversar com as meninas das primeiras famílias, e não ouvir alguma delas queixando-se sobre o fato de não poderem brincar na rua tanto quanto seus irmãos e/ou primos podem. Ainda que algumas mães/pais digam que a criação de seus filhos é a mesma, independente do sexo, é possível notar algumas situações que contradizem tais falas.

As meninas me encheram de perguntas: como eu me chamava, se eu trabalhava, onde e o quê eu estudava, por que eu estava lá na escola, se eu iria voltar, se eu tinha namorado, se era casada, se tinha filhos, com quem eu morava, e coisas do tipo. Depois de ter respondido as perguntas, as meninas se acalmaram um pouco e começaram a conversar entre elas. Elas falaram um pouco sobre os meninos. Luísa pareceu não se interessar muito por esse assunto. Ela parece ser mais infantil, no sentido de criança, em relação às

outras, mesmo as que são da idade dela. Amanda, por exemplo, contou que namora um menino da sala ao lado, chama-se Carlos e tem 12 anos. Então, Helena falou que eles namoram mesmo, que ‘eles até se beijam’. Mas pelo jeito, a mãe dela não sabe, se soubesse não aprovaria o fato, pois ela ficou um pouco receosa quando as meninas me contaram.

Nos discursos das primeiras mães⁶ entrevistadas, é notória a preocupação com a sexualidade das filhas. Ainda que elas afirmem que se o filho engravidar uma menina, vai ter que assumir, eles têm a possibilidade de brincar na rua, de sair pra rua, sem as mesmas restrições que são impostas às meninas. Isso porque,

A sexualidade é vivenciada subjetivamente de modo diferenciado por homens e por mulheres. Esse controle é legitimado pelas ‘leis’ da moral feminina, em que a virgindade, a monogamia e a fidelidade são exigências inquestionáveis para a moça e a mulher ‘não-faladas’. (DUQUE-ARRAZOLA, 1997, p. 376-377).

Assim como foi relatado pela mãe de Silvana e Douglas, os meninos ficam no campinho jogando bola. Mas a história muda quando ela é questionada sobre as meninas. Ela diz que não as deixa saírem de casa, ainda que muitas vezes ela seja contrariada e as encontre na rua quando chega do trabalho. Às meninas, cabe realizar os afazeres domésticos, e como relata Heilborn (1997), “o meio como se desfruta o lazer em casa gira em torno da televisão. Nos casos mais raros, quando há mais recursos, o videogame para as crianças” (1997, p.322). Em relação ao que eles fazem em casa, só os meninos jogam no computador. As meninas não demonstraram muito interesse pelos jogos, mas afirmaram que não podem jogar porque os meninos não deixam.

Para a família de Elisa, o discurso inicial é de que as regras são as mesmas para os meninos e para Elisa, a única menina. Contudo, a mãe conta que compraram videogame exatamente para que os meninos, principalmente o Alexandre, dois anos mais novo que Elisa, não ficasse brincando na rua. Mais ainda, conversando com a menina, perguntei de como tinha sido o fim de

⁶ Quanto ao discurso das mães, remeto-me ao que foi dito nas entrevistas.

semana. Ela disse que no sábado, ela foi ao shopping com as amigas. Quis saber se ela tinha ido sozinha, pois a sua mãe me pareceu muito preocupada em relação a sair sozinha, principalmente, com meninas que ela não conhece. Ela contou que foi sozinha, sim, e que o pai dela sempre deixa. Ele só a leva quando elas combinam de ir a algum outro shopping que seja mais longe da casa dela. Ela disse também que algumas vezes os pais dela saem com os meninos e ela prefere ficar em casa. Aí ela arruma a casa e fica no computador. Pelo discurso da menina, a situação pareceu diferente da relatada na entrevista com toda a família. Ainda que a menina seja a mais velha, ela pode sair sozinha com as amigas, mas sua mãe não deixa o irmão ficar na rua com os amigos.

Na família de Luísa, a situação é outra. No trabalho doméstico, segundo a mãe, todos ajudam. O pai e o menino passam roupa, lavam o banheiro, fazem a comida algumas vezes. A menina também gosta de ajudar na cozinha, mas a preocupação da mãe é com o fogão, então a menina só cozinha quando a mãe ou alguém mais velho está por perto. Luísa confirmou que ajuda sua mãe nas tarefas de casa. Quando perguntei se o irmão ajudava, primeiro ela consentiu, mas num segundo momento, olhou-me e disse que só às vezes. A mãe relata que o filho de 17 anos, é bem caseiro, costuma ficar em casa. Quando sai é com a companhia dos primos e primas, ou vai à casa dos tios, mas sempre avisa aos pais onde está e os horários. Ela acredita que sua preocupação será maior quando Luísa for mais velha. A menina gosta de brincar na rua, faz o que outras meninas falam, vai a outros lugares sem avisar sua mãe. Por esses motivos, a mãe prefere que a menina fique em casa, que não vá à casa das colegas. Quando estive na escola, ela contou que as amigas vão mais à sua casa do que ela na casa das outras meninas. Kelly, por exemplo, vai quase todos os dias brincar com ela.

Na família de Lucas, ele tem mais liberdade de ir para a casa dos primos, em Guarulhos, do que a menina. Alguns finais de semana, o tio ou a tia o buscam na sexta-feira, ficando lá até domingo, quando a família se reúne. Edna coloca como justificativa que “menina é mais frágil, precisa de mais cuidado, os meninos sabem se cuidar melhor”. Deixa, também, bem explícito a diferenciação que faz entre o menino e a menina ao definir o que é de menino

– carrinho – e o que é de menina – boneca. Quando Adriano entrevista as crianças, Ana Paula lhe conta que a mãe não a deixa brincar de carrinho e Lucas, com tom de zombaria, diz que não brinca de boneca.

Nesta família 6 fica bem clara a afinidade entre mãe e filha e pai e filho. A própria mãe diz que “menina tem mais liberdade de expor as coisas para a mãe”. No dia da entrevista com Edna, Lucas não estava em casa, pois, preferiu sair com seu pai, que precisava resolver algumas coisas. Lucas menciona para Adriano que Ana Paula tem muito mais brinquedos do que ele, que ela sempre ganha mais, deixando claro que sua percepção sobre a diferenciação feita entre ambos. “Os filhos percebem a diferença na atenção, no tratamento, nos cuidados e na expressão de afeto que seus genitores dedicam a cada um dos membros da fátia” (BALARINI e ROMANELLI, 2012, p.69). Por outro lado, nas famílias até agora entrevistadas, o papel principal na educação dos filhos compete à mãe. Visto dessa maneira, em nossa análise preliminar, podemos dizer que o sexismo passado aos filhos tem como porta-voz principal a mãe, mas lógico que o pai também transfere esse conjunto de ideias e ações que influenciam e normatizam as relações de gênero. Saliento que essa análise precisa ser ainda mais aprofundada diante dos futuros dados que aparecerão no desenvolvimento da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível pontuar a influência das práticas socializadoras, sejam elas provenientes do ambiente familiar, escolar ou qualquer outro, embora tenhamos aqui como foco as famílias. Alguns aspectos podem ser percebidos nos distintos relatos, como no fato de que as famílias das camadas populares procuram manter as meninas em casa e, desta maneira, podem ajudar nas tarefas domésticas.

A partir da análise dos casos estudados, podemos afirmar que o trabalho doméstico é considerado como obrigação das meninas. Ainda que o discurso das mães seja de que todos ajudam, cabe às garotas dar conta dos afazeres de casa. Até mesmo na fala dos meninos percebemos que isto já se tornou comum. Eles ajudam quando querem e não têm nada a fazer, diferentemente do caso das meninas.

Há também uma preocupação muito grande com a sexualidade das garotas. Nesse sentido, as mães acabam limitando o tempo das meninas saírem, preferindo que estejam sempre em casa. Quanto aos meninos, a preocupação não se estabelece da mesma maneira: eles brincam mais fora de casa, com os amigos e na rua.

Na sociedade ocidental, as adolescentes tendem a ser mais protegidas e preservadas com respeito ao mundo exterior do que os rapazes. Essa característica reflete, ao mesmo tempo, reforça estereótipos veiculados pela cultura que valoriza e estimula a imagem da mulher frágil, desamparada, reiterando que sua esfera natural e segura é o *locus* familiar (ROMANELLI, 2002, p. 61).

Levando em consideração o discurso das famílias, não há diferença nas práticas de socialização de filhos e filhas no que se refere à escolarização. Quando há interferência por parte da família, é semelhante tanto para meninos como para meninas. As expectativas do grau de escolarização a ser atingido por meninos e meninas também são semelhantes, com a fala de que é necessário finalizar os estudos.

Podemos concluir que as famílias cujos pais tiveram um tempo maior de escolarização desejam o mesmo para seus filhos, compreendem melhor os

percursos a serem trilhados. Já nas famílias em que o estudo foi restrito, a fala é de que os filhos precisam estudar, mas parecem não ter informação suficiente para especificar se terminar os estudos seria concluir o ensino fundamental, o ensino médio, fazer cursos ou um ensino superior. Do mesmo modo, não são todos que pensam na profissão dos filhos, considerando que, primeiro, é importante estudar. Ainda que não seja referindo-se à escolarização dos filhos, há

uma tendência de os pais incorporarem o ideal igualitário na atenção, nos cuidados e no tratamento dispensado aos filhos, tal lógica que pressupõe que todos os irmãos devam ser tratados de forma idêntica e equitativa não é efetivamente praticada no âmbito familiar (BALARINI e ROMANELLI, 2012, p.65).

A ocupação do tempo extraescolar é melhor aproveitada pelos filhos de pais que têm algum acesso ou conhecimento sobre algumas atividades, como é o caso da primeira família. O pai trabalha no CEU, o que facilita informar-se sobre atividades para os filhos e a locomoção das crianças para este espaço. Interessante também o discurso da mãe quando coloca que cada filho é diferente, não por ser menino ou menina, mas porque cada um tem o seu jeito, pois, ainda que Elisa faça a maioria das atividades domésticas, isso se deve também ao fato de ela ser a filha mais velha. Esta fala assemelha-se ao que é posto no texto de Balarini e Romanelli (2012):

o sucesso da escolarização depende também das características e do empenho de cada filho. Desse modo, os pais reconhecem que não bastam as oportunidades oferecidas aos filhos, mas que estes devem empenhar-se e dedicar-se aos estudos (BALARINI e ROMANELLI, 2012, p. 70).

Podemos considerar que na maioria dos casos as atitudes das crianças em casa se repetem na escola. As meninas que ajudam em casa, perguntam se a professora precisa de ajuda para entregar as atividades, para varrer a sala ou para resolver os exercícios na lousa. Entretanto, não podemos afirmar que apenas as meninas o fazem. Os meninos participam, sim, das atividades na escola, ajudam a professora e participam da aula. Fazem bagunça também, mas não são os únicos a fazerem.

E como disse a mãe de Elisa, da primeira família entrevistada, cada um tem seu jeito, não é o sexo que determina as atitudes de cada um, as crianças são diferentes pelo que são.

A escola em geral desconhece a socialização primária da criança, principalmente quando se trata de aspectos afetivos (SILVA, 1993). De certa forma, a compreensão deste assunto favoreceria o trabalho do professor, na medida em que esclareceria a maneira que ele deverá lidar com o aluno para que o seu melhor seja trabalhado e a colocar em prática todo o discurso de igualdade e respeito tão valorizado pela escola e por toda a sociedade.

Vale salientar que minha participação nesta pesquisa está me ajudando em vários aspectos e, principalmente, no que se refere aos conhecimentos acadêmicos. Faço parte do grupo de pesquisa EdGES⁷, desde agosto de 2011, nos nossos seminários discutimos temas relativos à temática da pesquisa, organizados pela professora Marília Pinto de Carvalho. É importante dizer que cursei, no segundo semestre de 2011, a disciplina “Escola e Relações de Gênero”⁸, a qual foi ministrada pela professora citada anteriormente. Além disso, tenho participado de eventos⁹ e essas interações conjuntamente à pesquisa, vêm ampliando minhas reflexões.

Penso ser importante para a formação de uma pesquisadora de iniciação científica participar das etapas desenvolvidas em uma pesquisa acadêmica. Sendo assim, ressalto que as atividades relativas à pesquisa mais ampla - “Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares”, a qual é desenvolvida com apoio do CNPq, na modalidade Bolsa Produtividade em Pesquisa, nível 1 – estão previstas para conclusão no final de 2013. Ainda pretendemos desenvolver investigações junto à segunda escola e junto a pelo menos mais duas famílias e, em seguida, dedicar-nos à análise aprofundada e detalhada do extenso material empírico coletado.

⁷ Os textos discutidos nas reuniões do EdGES podem ser vistos no Anexo 4.

⁸ O cronograma da disciplina encontra-se no Anexo 5.

⁹ No Anexo 6 estão os certificados dos eventos que participei.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTES, Amélia Cristina Abreu; CARVALHO, Marília Pinto de. **O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade?** Cadernos Pagu (34), janeiro-junho de 2010, p. 41-74.

BALARINI, F.B.; ROMANELLI, G. O processo de escolarização de irmãos de acordo com a posição na fátia. **Dossiê Temático: Infância e Escolarização.** Vitória da Conquista. v.8, n.12, p. 61-79, jan./jun. 2012.

BRASIL. **Censo Demográfico 2000.**

Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_educacao.shtm>. Acesso em 20 abr. 2012.

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2006** (PNAD 2006). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2006. Em CD-ROM

BRASIL. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009** (PNAD 2009). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2009. Em CD-ROM

BRITO, R. S. **Significados de gênero do fracasso escolar:** quando os modelos polares de sexo não são suficientes. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, june 2003.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jun. 2012.

COELHO, S.L.B. O mundo do trabalho e a construção cultural de projetos de homem entre jovens favelados. In: DAYRELL, J. (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura.** Belo Horizonte: UFMG, 1999.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** 4 ed. Rio de Janeiro: Ganabara Koogan, 1991.

DAUSTER, T. Uma infância de curta duração. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.82, p.31-36, ago. 1992.

DUQUE-ARRAZOLA, Laura Susana. O cotidiano sexuado de meninos e meninas em situação de pobreza. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer mulher?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

GLÓRIA, D.M.A. **Uma análise de fatores sociodemográficos e sua relação com a escolarização dos filhos em famílias de camadas médias.** Belo Horizonte, Tese (Doutorado em Educação). UFMG, Faculdade de Educação, 2007.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas em Sociologia.** 10 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

HEILBORN, Maria Luzia. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer melhor?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

MACHADO, Juliana Brandão. **As temporalidades no cotidiano de jovens porto-alegrenses.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2006.

MADEIRA, Felícia Reicher. A trajetória das meninas dos setores populares: escola, trabalho ou... reclusão. In: MADEIRA, Felícia Reicher. **Quem mandou nascer melhor?** Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

NOGUEIRA, M.A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (orgs.). **Família e escola:** trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

PAIXÃO, L.P. Socialização na escola. In: PAIXÃO, L.P.; ZAGO, N. (orgs.). **Sociologia da Educação:** pesquisa e realidade brasileira. 1ed. Petrópolis: Vozes, 2007, v.1, p.222-244.

ROMANELLI, G. **Adolescentes do sexo feminino:** família, grupo de pares e relações afetivas. *Paidéia*, 2002, 12(22), 57-68.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARNSTED, L. L.; PITANGUY, J. (orgs.). **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010.** Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011, p. 390-434.

ROSEMBERG, Fulvia, MOURA, Neide Cardoso de, e SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Caderno de Pesquisa**, Ago. 2009, vol. 39, n.º 137, p. 489-519.

SAMPAIO, I.T.A. Práticas educativas parentais, gênero e ordem de nascimento dos filhos: uma atualização. **Revista Brasileira crescimento e**

desenvolvimento humano. v. 17, n.2, p. 144-152, 2007.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Reprodução de classe e reprodução de gênero através da cultura**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, UFRJ, RJ, 1993.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de e VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp.287-309.

ZAIMAN, C. **La mixité à l'école primaire**. Paris: L'Harmattan, 1996.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____,
RG _____ aceito participar na pesquisa **Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares**, desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo pela pesquisadora Marília Pinto de Carvalho, que pode ser contatada pelo e-mail mariliac@usp.br ou telefone 3091-8273. O presente trabalho tem por objetivo conhecer as diferenças na criação de meninos e meninas em suas famílias e serão realizadas entrevistas.

Compreendo que tenho a liberdade de retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. A qualquer momento posso buscar maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. A responsável garante o sigilo e a privacidade dos sujeitos quanto aos dados envolvidos na pesquisa. Meu nome e de meus filhos e filhas, bem como nossas informações pessoais não serão divulgados.

Declaro compreender que as informações obtidas só podem ser usadas para fins científicos, de acordo com a ética na pesquisa e que minha participação não implica em qualquer remuneração.

São Paulo, ____ / ____ / 2012.

Nome:

Assinatura:

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO

Senhores pais ou responsáveis: estamos fazendo uma pesquisa sobre as diferenças na criação de meninos e meninas nas famílias. Pedimos que preencham as informações abaixo e devolvam as respostas para a professora até o dia ___/___/2011. Queremos entrevistar algumas das famílias, por isso no final pedimos endereço e um telefone de contato.

Muito obrigada por sua colaboração!

Marília Pinto de Carvalho

E-mail: mariliac@usp.br

Professora da Faculdade de Educação da USP

Nome do(a) aluno(a): _____ Idade: _____
 Nome do pai: _____
 Profissão: _____
 Nome da mãe: _____
 Profissão: _____

- Outros responsáveis: (se for o caso)-

Nome: _____
 Profissão: _____

Nome: _____
 Profissão: _____

Nome dos irmãos e irmãs:

1) _____	Idade: _____	Série que estuda: _____
2) _____	Idade: _____	Série que estuda: _____
3) _____	Idade: _____	Série que estuda: _____
4) _____	Idade: _____	Série que estuda: _____
5) _____	Idade: _____	Série que estuda: _____
6) _____	Idade: _____	Série que estuda: _____

Nome do responsável para contato: _____

Telefone: _____

Endereço: _____

ANEXO 3

ENTREVISTA COM OS RESPONSÁVEIS

- **Até que ano estudou?** Onde? Gostava da escola? Queria ter estudado mais?

- História escolar dos filhos:

Falar sobre cada um dos filhos: em que ano estão, por que estão nesta escola, tipo de desempenho escolar (reprovações, desistências, matérias que vão melhor), expectativas quanto ao nível a ser atingido. Expectativa profissional e outras para o futuro.

- Relação com a(s) escola(s):

Responsável (qual?), frequenta (como, quando)? Gosta da escola? Por quê? Acompanha as atividades escolares dos filhos (dever de casa, festas)? Como? Há diferenças entre o acompanhamento de cada filho/a? Diferenças entre disciplinas escolares.

- Uso do tempo extraescolar:

Quem compõe a renda familiar (detalhar tipo de participação); divisão de tarefas domésticas (detalhar); outras atividades sistemáticas com que os filhos estão envolvidos (descrever tipo, instituição, frequência, quem escolheu gratuidade ou não); brincadeiras e brinquedos de cada filho/a. Atividades frequentes nos fins de semana e no contra turno.

- Socialização diferenciada segundo o sexo:

Vê diferenças na criação de meninos e meninas? Quais? Há regras diferenciadas para filho(s) e filha(s) (horário de volta pra casa, locais permitidos, companhias, etc.)? Tipos e frequências das punições e premiações para cada filho/a?

ANEXO 4

REUNIÕES DO EDGES

Agosto/2011

- Artigo da Maria da Graça Jacinto Setton sobre a socialização.
SETTON, M. G. J. A socialização como um fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do *habitus*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 14, n. 41, 2009.

Setembro/2011

1ª reunião do mês

- Projeto de mestrado do Adriano Senkevics e projeto de doutorado do Alan Ribeiro.

2ª reunião do mês

- Artigo da Anne-Marie Devreux sobre as relações sociais de sexo.
DEVREUX, A. M. A teoria das relações sociais de sexo: um quadro de análise sobre a dominação masculina. *Sociedade e Estado*, v. 20, n. 3, 2005.

Outubro/2011

- Texto da Fúlvia Rosemberg e Nina Madsen sobre gênero, mulheres e educação formal.

ROSEMBERG, F.; MADSEN, N. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARNSTED, L. L.; PITANGUY, J. (orgs.). *O Progresso das Mulheres no Brasil 2003-2010*. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011, p. 390-434.

Novembro/2011

- Texto da Avtar Brah sobre diversidade.
BRAH, A. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), p. 329-376, 2006.

Março/2012

- Dissertação da Marla Santos: “O pertencimento racial de universitários negros da Faculdade Zumbi dos Palmares”.

Abril/2012

- Texto da Raewyn Connell e James Messerschmidt sobre masculinidade hegemônica.

CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Hegemonic Masculinity: rethinking the concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, 2005.

Mai/2012

- Relatório de qualificação da Ana Capitanio.

Junho/2012

- Dois textos da Joan Scott, sendo um artigo e o capítulo final da edição revista do seu livro.

SCOTT, J. Gender: still a useful category of analysis? *Diogenes*, 225, pp. 7-14, 2010.

SCOTT, J. *Gender and the Politics of History*. New York: Columbia University Press, revised edition, 1999.

Agosto/2012

- Capítulo do Manual Jacinto Sarmiento no “Itinerários de Pesquisa”.
SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2ª ed., 2011.

ANEXO 5

RELAÇÕES DE GÊNERO E EDUCAÇÃO ESCOLAR

- Cronograma 2º semestre/2011 -

Profª Marília Pinto de Carvalho

AGOSTO

4 – Apresentação

11 – O conceito de gênero

Texto: CARVALHO, Marília Pinto de. No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais. São Paulo: Xamã/Fapesp, 1999. (p.19-40)

18 – Relações de Gênero na Sociedade Brasileira: trabalho em grupos

25 – Continuação

SETEMBRO

1 – Visão geral da educação brasileira na perspectiva de gênero

Texto: ROSEMBERG, Fulvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo, 2011, p. 14-43 (itens 2 e 3.1)

8 – SEMANA DA PÁTRIA – NÃO HÁ AULA

15 – A educação infantil

Textos: HADDAD, Lenira. Políticas integradas de educação e cuidado infantil: desafios, armadilhas e possibilidades. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n.129, p. 519-546, set./dez. 2006.

VIANNA, Claudia P.; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu** (33), julho-dezembro de 2009, p.265-283.

22 – Homofobia na escola: Debate

Texto: JESUS, Beto de e outros. **Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. Ed. Especial, revista e ampliada – São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2008.

29 – O ensino fundamental: cotidiano

Textos: CRUZ e CARVALHO. Jogos de gênero: o recreio numa escola de ensino fundamental. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006, p. 113-143.

SOUZA, Érica Renata de. Marcadores sociais da diferença e infância: relações de poder no contexto escolar. **Cadernos Pagu** (26), janeiro-junho de 2006, p. 169-199.

Entrega da Avaliação 1: “Minha trajetória escolar na perspectiva de gênero” – utilizar as leituras e debates para analisar a própria trajetória escolar.

OUTUBRO

6 – O ensino fundamental: desempenho escolar

Texto: CARVALHO, Marília Pinto de. Mau aluno, boa aluna: como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, v.9, n.2, 2001, p. 554-574.

13- Professores e professoras

Textos: VIANNA, Claudia P. O sexo e o gênero na docência. **Cadernos Pagu**,

2002, n.17-18, p. 81-103.

CARVALHO, Marília Pinto de. Ensino: uma atividade relacional. **Revista Brasileira de Educação**, nº 11, Mai/Jun/Jul/Ago 1999, p. 17-32.

20- Livros didáticos

Texto: ROSEMBERG, Fúlvia, MOURA, Neide Cardoso de, SILVA, Paulo Vinicius Baptista. Combate ao sexismo em livros didáticos: construção da agenda e sua crítica. **Cadernos de Pesquisa**, Ago 2009, vol. 39, n. 137, p. 489-519.

27- Raça e gênero na escola – convidada: Luciana Alves

Texto: GOMES, Nilma Lino. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, jun 2003, vol. 29, n1, p. 167-182.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista Antropologia**, 2004, vol. 47, n.1, p 9-43.

NOVEMBRO

3 – Jovens

Texto: DAMICO, José Geraldo Soares e MEYES, Dagmar E. Estermann. Constituição de masculinidades juvenis em contextos “difíceis”: vivências de jovens de periferia na França. **Cadernos Pagu**, 2010, n. 34, p. 143-178. ISSN 0104-8333

ZANETTI, Julia Paiva. Jovens Feministas do Rio de Janeiro: trajetórias, pautas e relações intergeracionais. **Cadernos Pagu**. 2011, n, 36, p. 47-75.

10 – NÃO HÁ AULA

17 – Jovens negros e a construção de masculinidades – convidada: Raquel Souza

Texto: SOUZA, Raquel. Rapazes negros e socialização de gênero. **Cadernos Pagu**, v.34, 2010, p. 143-178.

24 – Síntese e encerramento do curso

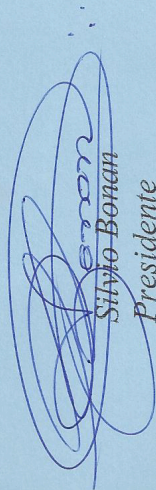
Entrega do trabalho final: Tema a escolher, dentro do enfoque do curso.

ANEXO 6

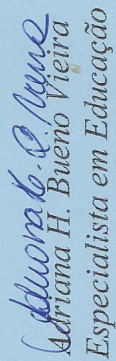


CERTIFICADO

Certificamos que: Simanda Lúcia Simedeti participou do Curso: **FORMAÇÃO EM CURRÍCULO FUNCIONAL NATURAL: APRENDER PARA A VIDA.** Realizado no dia 09 de Abril de 2011-no horário das 08h30 min às 17:00 horas, promovido pela Casa Transitória André Luiz de Sorocaba, CNPJ: 71866107/0001-65 e ministrado pela Especialista em Educação : Adriana Helena Bueno Vieira.



Sílvyo Bonan
Presidente



Adriana H. Bueno Vieira
Especialista em Educação

Certifico que **Fernanda Nistal Benedeti**, participou, como ouvinte, do(a) palestra "Pedagogia: a terceira margem do rio", sob organização do(a) Prof(a). Dr(a). Carlota J.M.Cardozo dos Reis Boto (EDF), realizado(a) na Faculdade de Educação da USP em 20/5/2011, com carga horária de 4 horas.

São Paulo, 19/6/2011



Carlota J.M.Cardozo dos Reis Boto
Organizador(a)

imprimir

1. É necessário habilitar seu programa de Internet para imprimir imagens e cores do plano de fundo.
2. Este certificado poderá ser autenticado no Apoio Acadêmico da FEUSP (sala 19 do Bloco B).





IV CONGRESSO NACIONAL
DA REDE CATÓLICA DE EDUCAÇÃO

CERTIFICADO

Certificamos que FERNANDA NISTAL BENEDETI
participou do IV Congresso Nacional Conexão RCE, no período de 1 a 3 de Julho de 2011, em
Curitiba - PR.

Tema: Educação e Resultados.

Angela Christina Souza Alves
Diretora Geral



FEUSP Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Certificado

Certifico que **Fernanda Nistal Benedetti** participou, durante o primeiro semestre de 2011, do Grupo de Estudos em Filosofia Antiga e Educação: Uma Leitura d' O Banquete de Platão, em um total de 40 horas.

São Paulo, 30 de julho de 2011.


Prof. Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio (EDF-FEUSP)
Coordenador



Certifico que **Fernanda Nistal Benedeti** participou do Seminário intitulado "**O conceito de mediação na teoria histórico-cultural: implicações para o ensino e a pesquisa**", promovido pelo Grupo de Estudo e Pesquisa sobre a Atividade Pedagógica (GEPAPe), nos dias 29 e 30 de julho de 2011, realizado na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, com carga horária total de 12 horas.

São Paulo, 30 de julho de 2011.


Prof. Dr. Manoel Orfósvaldo de Moura
Coordenador

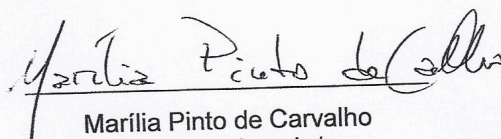


UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Educação
Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação - EDA

CERTIFICADO

Certifico que Fernanda Nistal Benedeti participou do Seminário "Educação e Relações de Gênero 2011 – II", promovido pelo EdGES (Grupo de Estudos em Educação, Gênero e Cultura Sexual) na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e coordenado pela Profa. Dra. Marília Pinto de Carvalho, entre 26 de agosto de 2011 e 30 de novembro de 2011, num total de 25 horas, tendo frequência de 100%.

São Paulo, 30 de novembro de 2011.



Marília Pinto de Carvalho
Professora Associada
Faculdade de Educação
Universidade de São Paulo

*Av. da Universidade, 308 - Sala 210
05508-900 - São Paulo - SP
Tel/Fax: (11) 3815.0232 - Tel: (11)3091.3342 - R. 273
e-mail: mariliac@usp.br*

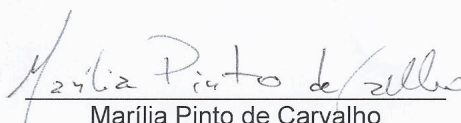
FEUSP

Departamento de Administração Escolar e Economia da Educação

CERTIFICADO

Certifico que Fernanda Nistal Benedeti, nº USP 7154248, frequentou os "Seminários Gênero e Educação" realizados ao longo do primeiro semestre de 2012, sob minha orientação, num total de 25 horas.

São Paulo, 6 de setembro de 2012.



Marília Pinto de Carvalho
Professora Associada
Faculdade de Educação da USP

ANEXO 7

São Paulo, 16 de setembro de 2012.

À Comissão de Pesquisa da FEUSP

Apresento em seguida o relatório final de um ano de trabalho de Iniciação Científica da aluna Fernanda Nistal Benedeti, com o projeto **Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares**, articulado a pesquisa mais ampla que venho desenvolvendo.

Como o relatório parcial foi objeto de sugestões por parte da parecerista, gostaria de destacar, em primeiro lugar, a importância deste tipo de avaliação e leitura cuidadosa, que agradecemos. Em segundo lugar, considero relevante esclarecer de que maneira essas sugestões foram apropriadas e incorporadas (ou não) ao Relatório Final. Como se trata de um trabalho em equipe, envolvendo também um estudante de mestrado (Adriano Senkevics) e uma colaboradora voluntária, com mestrado completo (Tatiana Loges), o parecer foi lido e debatido coletivamente. Buscamos textos dos autores referidos (Da Matta, Zaluar, Telles e Pinho) e procuramos verificar suas contribuições ao conjunto do trabalho (e não só ao presente relatório). Na prática, conseguimos estabelecer diálogo mais direto apenas com Da Matta, cujas contribuições foram importantes para as análises sobre “a rua”. Entendemos este espaço, a partir da leitura da obra “A casa e a rua” do referido autor, como um lugar que não funciona sozinho e está intimamente ligado à dimensão social que lhe é atribuída. Os demais autores não nos revelaram ferramentas úteis na interpretação de nossas questões de pesquisa, neste momento.

Do ponto de vista do conteúdo e objetivos desta pesquisa de IC, quero destacar que não se trata de tomar o gênero como explicação única para o acesso ou não a atividades extraescolares ou para a definição das regras familiares de uso dos tempos e espaços. Trata-se exatamente de investigar se há diferenças de gênero neste acesso e nestas regras, para em seguida, confrontar essas observações ao discurso predominante nas escolas de que haveria diferenças marcantes na atitude de meninos e meninas na escola e

ainda, que estas diferenças seriam decorrentes da socialização familiar. No caso desta IC, o foco se colocou sobre os dois temas acima referidos (acesso ou não a atividades extraescolares e definição das regras de uso dos tempos e espaços), mas a pesquisa mais ampla vem atentando para muitas outras dimensões da socialização familiar (relações dentro da fratria, composição das unidades domésticas, quem se responsabiliza pelos cuidados dos filhos, influências da escolarização dos pais e da fase de vida, entre outros).

Finalmente, é nosso pressuposto teórico que “ser homem ou mulher está mediado por outros elementos de cultura” (Parecer, p. 2) e mesmo por outros condicionantes sociais (geração, pertença racial e nível socioeconômico, por exemplo). Nas análises, procuramos ter sempre em conta esse referencial e considerar as relações de gênero como parte de um conjunto de relações de poder que se influenciam mutuamente, desenhando o terreno no qual cada um/a se constrói como homem ou mulher, menino ou menina. Esperamos que esta complexidade esteja esboçada nas análises iniciais apresentadas neste relatório, com isso respondendo aos interessantes questionamentos apontados no parecer sobre o Relatório Parcial.

Atenciosamente,

Marília Pinto de Carvalho
Professora Associada
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO

Autorizo o CNPq a publicar, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral do relatório de Iniciação Científica, de minha autoria, a título de divulgação da produção acadêmica. O relatório supracitado está intrinsecamente articulado ao projeto principal, “Diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas de camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares”, coordenado pela professora Dra. Marília Pinto de Carvalho e foi desenvolvido através do programa de Pós-Graduação da FEUSP.

São Paulo, 24 de setembro de 2012.

Fernanda Nistal Benedeti

Número USP: 7154248

AUTORIZAÇÃO

Nós abaixo assinados, Fernanda Nistal Benedetti e
(aluno)
Marília Pinto de Carvalho autorizamos a publicação
(orientador)

do Relatório Final de Iniciação Científica, com o título Diferença de desempenho entre meninos e meninas das camadas populares: o papel das expectativas e práticas de socialização familiares na "SÉRIE INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA FEUSP".

São Paulo, 25 de setembro de 2012.

Fernanda Nistal Benedetti
Assinatura do Aluno

Marília Pinto de Carvalho
Assinatura do Orientador

E-mail do aluno: fernanda.benedetti@usp.br

Telefone do aluno: 999104854